

DOSSIÊ

SUPER INTERESSANTES

Ciência

18 pioneiras que inventaram o raio X, classificaram as estrelas e criaram o primeiro software de todos os tempos. **PÁG. 6**



Cultura

25 visionárias que desafiaram e venceram o machismo nos costumes, nos esportes e nas artes. **PÁG. 46**

Su

Poder

27 líderes que comandaram impérios, lutaram por revoluções e transformaram a sociedade. **PÁG. 22**

Su

Su



**MULHERES
QUE MUDARAM
O MUNDO**

Nós, protagonistas

Muito se fala que a história foi escrita pela ótica dos homens. É verdade. Mas, ao começar a pesquisa para este dossier, nos deparamos com outro problema: o excesso de histórias incríveis de mulheres. Quando ajustamos o olhar para o feminino, encontramos abundância.

Limitamos a 70 nomes, mas a vontade era de incluir muito mais. Para dar conta da diversidade do mundo, demos espaço não apenas a brancas ocidentais, mas a negras, asiáticas e indígenas com vidas inspiradoras. Mas, como você pode ver no sumário ao lado, a importância das mulheres começa a crescer ao longo do tempo. Não é por acaso – elas tiveram de enfrentar muitos obstáculos para chegar aonde chegaram.

Tivemos a dimensão dessas dificuldades na hora da apuração. Encontrávamos farto material da sua vida pessoal, mas pouca coisa do que acontecia fora de casa. A americana Annie J. Cannon inventou um sistema de catalogação de estrelas que recebeu

o nome de Classificação Espectral de Harvard, a universidade onde estudou. Ela só receberia reconhecimento anos depois.

Era nítida a diferença também dada a mulheres casadas com homens igualmente proeminentes. As biografias deles têm um verniz que não aparecia nas delas, carregadas de preconceitos. Na da filósofa francesa Simone de Beauvoir, além de sempre comparada ao seu parceiro, Jean-Paul Sartre, suas aventuras amorosas ganhavam mais destaque do que sua obra.

Ainda bem que Simone se rebelou intelectualmente contra essa imposição de papéis que determina o que uma mulher deve ser e sentir. Assim como Sor Juana Inés, Aretha Franklin, Angela Davis, Leila Diniz, Alice Walker, Azucena Villaflor e tantas outras.

As 70 mulheres deste dossier sacudiram as nossas vidas nestes meses de apuração. Espero que elas mudem a sua também.

Sílvia Lisboa

EDITORA

CAPÍTULO 1	
PÁG. 8	
PÁG. 9	
PÁG. 9	
PÁG. 10	
PÁG. 10	
PÁG. 11	
PÁG. 12	
PÁG. 12	
PÁG. 13	
PÁG. 14	
PÁG. 15	
PÁG. 16	
PÁG. 17	
PÁG. 18	
PÁG. 18	
PÁG. 19	
PÁG. 20	
PÁG. 21	

Hipátia de Alexandria — 350-415



CAPÍTULO 2	
PÁG. 24	69 a.C.-30 a.C. - Cleópatra
PÁG. 25	
PÁG. 26	
PÁG. 27	
PÁG. 28	
PÁG. 28	
PÁG. 29	
PÁG. 30	
PÁG. 30	
PÁG. 31	
PÁG. 31	
PÁG. 32	
PÁG. 33	
PÁG. 34	
PÁG. 35	
PÁG. 36	
PÁG. 37	
PÁG. 38	
PÁG. 39	
PÁG. 40	
PÁG. 41	
PÁG. 41	
PÁG. 42	
PÁG. 43	
PÁG. 44	
PÁG. 45	
PÁG. 45	

Aisha - 613-678

CAPÍTULO 3	
PÁG. 48	
PÁG. 49	
PÁG. 50	
PÁG. 51	
PÁG. 51	
PÁG. 52	
PÁG. 52	
PÁG. 53	
PÁG. 53	
PÁG. 54	
PÁG. 54	
PÁG. 55	
PÁG. 55	
PÁG. 56	
PÁG. 57	
PÁG. 58	
PÁG. 59	
PÁG. 60	
PÁG. 61	
PÁG. 62	
PÁG. 62	
PÁG. 63	
PÁG. 64	
PÁG. 65	
PÁG. 65	

Maria Madalena - Início da Era Cristã

Virgem Maria - 18 a.C. - 40 d.C.

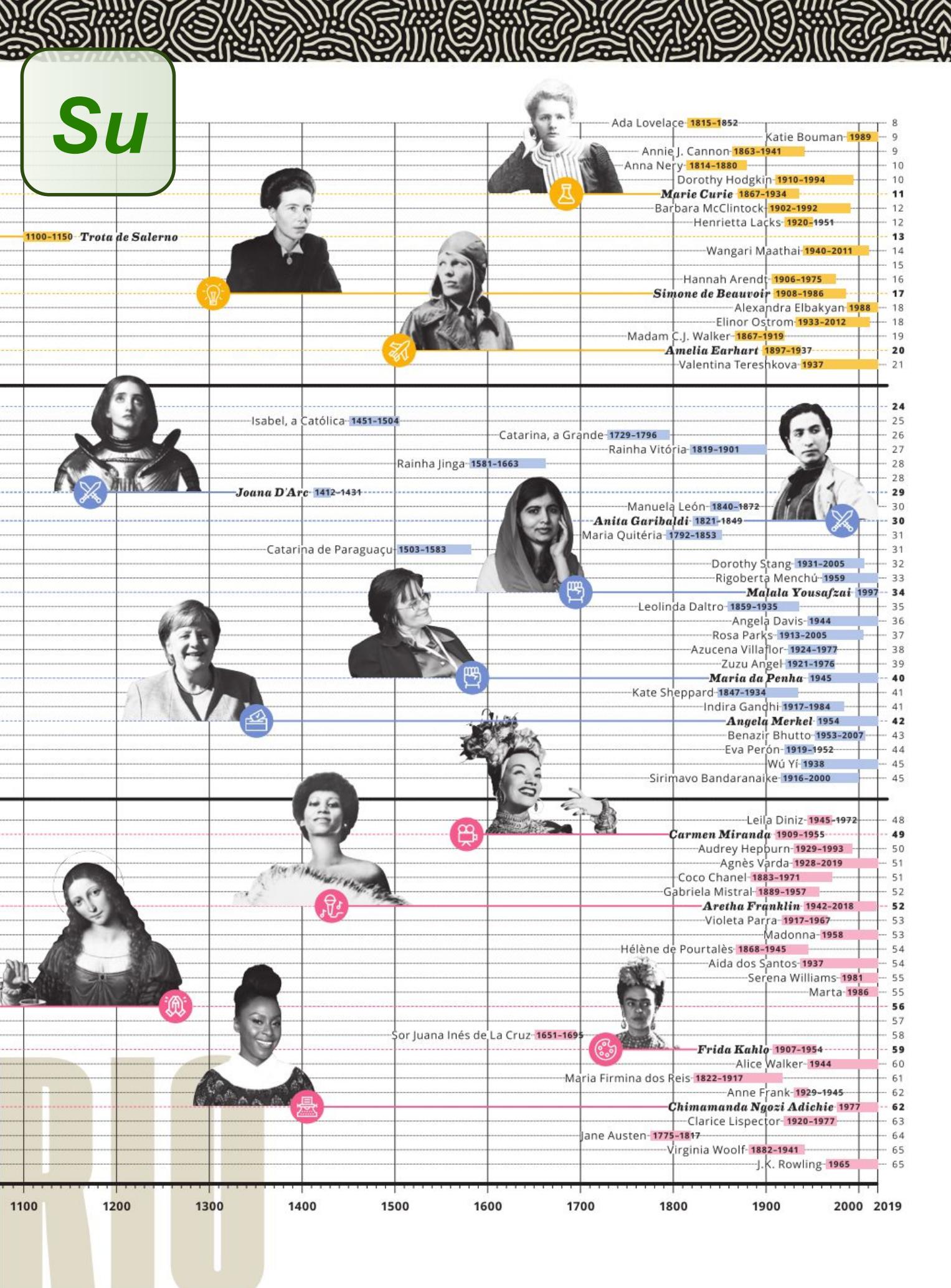
Su

100 a.C.

0

1000 d.C.

Su



Su

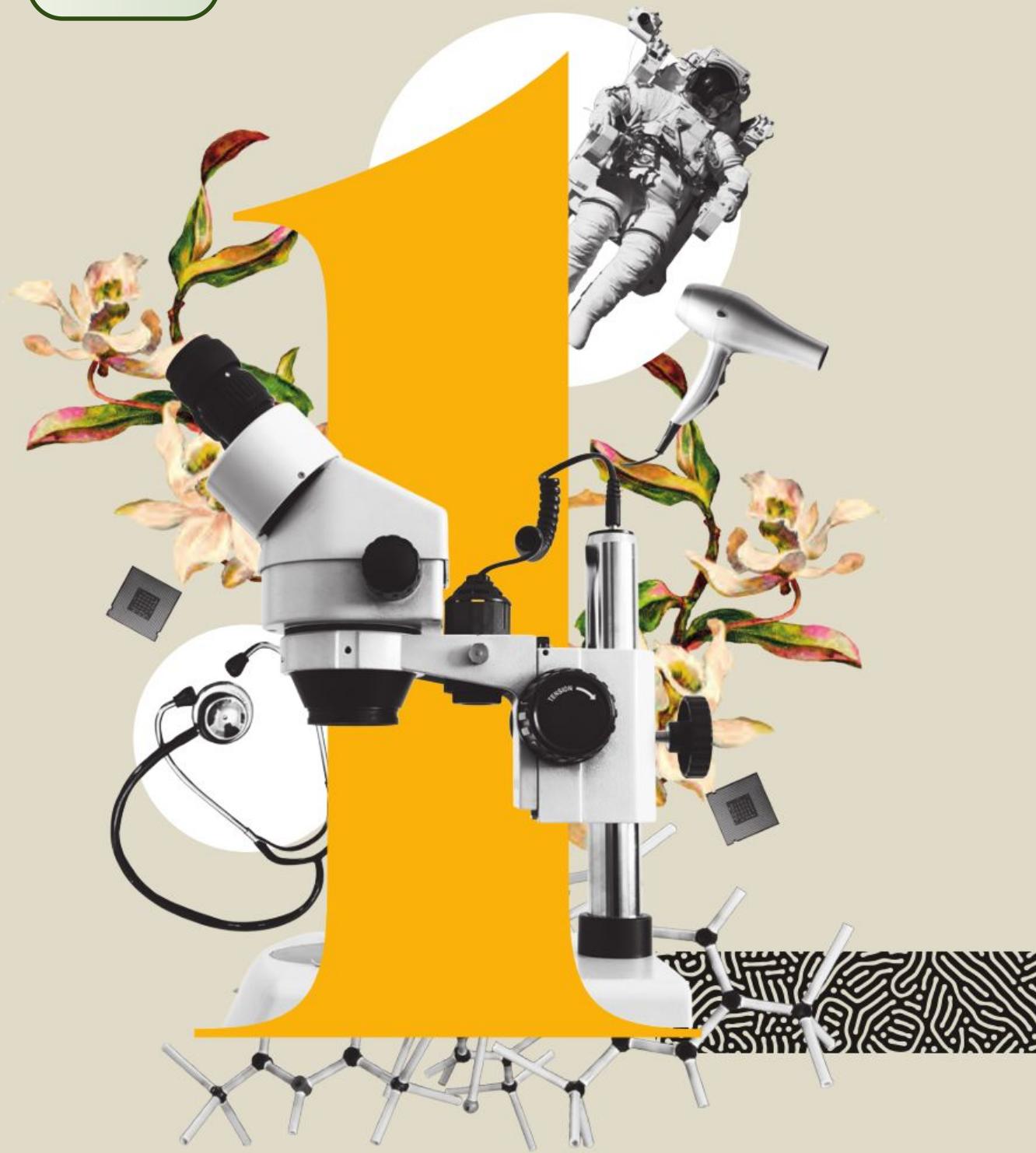


EDIÇÃO Sílvia Lisboa
TEXTOS Juan Ortiz, Maurício Brum,
Pedro Nakamura e Stéfani Fontanive
ILUSTRAÇÃO Cristina Kashima

Durante séculos, elas não tiveram direito à educação formal e aos estudos, mas isso não as impediu. Da filosofia aos laboratórios, de jaleco ou traje espacial, plantando árvores ou pilotando aviões, conheça as mulheres que contribuíram para o avanço do conhecimento – em todos os sentidos.

GÊNERO

Su





**UMA
LINGUAGEM
PARA
CHAMAR
DE SUA**

Em 1977, um grupo de cientistas foi contratado para criar uma linguagem de programação para o Departamento de Defesa dos Estados Unidos, e a chamou de "Ada" em homenagem à primeira programadora.



Ada Lovelace

MATEMÁTICA

1815 – 1852

Grã-Bretanha

A programação de computadores é vista como uma área majoritariamente masculina, mas sua criadora foi uma mulher.

Filha da baronesa Anne Isabella Mibankle, conhecida como “princesa dos paralelogramas” por causa de sua paixão por polígonos, e do principal nome do romantismo do século 19, Lord Byron, Augusta Ada Byron uniu a paixão de seus dois pais: a ciência e a poesia.

Foi criada apenas pela mãe, após uma separação tumultuosa. Anne queria que a filha ficasse o mais longe possível do estilo de vida boêmio do pai, por isso incentivou a estudar matemática, uma área incomum para as mulheres da época. Aos 12 anos, a menina ficou obcecada com a ideia de voar. Estudou a anatomia dos pássaros para determinar o equilíbrio entre o tamanho das asas e o peso do corpo, e escreveu seu primeiro livro, *Flyology*, em que detalhou projetos para a construção de um aparelho de voo.

Já aos 17, encantou-se com a invenção do matemático inglês Charles Babbage: a máquina analítica (uma espécie de avô do computador) que servia para fazer cálculos. Queria ser sua aluna e enviou várias cartas com esse pedido, sendo constantemente rejeitada. Até que ela traduziu para o inglês um artigo publicado pelo cientista em uma revista suíça, fazendo apontamentos e adicionando notas de rodapé. O

trabalho impressionou Charles, que aceitou pesquisar em conjunto.

Ada também amava poesia. Ela via beleza na lógica e na matemática, que chamava de “ciência poética”. Com essa forma de olhar para as máquinas, ela expandiu o potencial da criação de Babbage. Ela percebeu, teoricamente, que a máquina poderia ser programada e reprogramada para desempenhar várias tarefas além dos cálculos previstos no projeto inicial, como resolver questões de lógica, interpretar palavras etc. Assim, criou algoritmos que seriam base para os programas de computadores, que adicionam uma camada de abstração às máquinas. Sua invenção daria origem aos computadores anos mais tarde. Em suas notas trouxe um questionamento: as máquinas pensam? Já imaginava a ideia de inteligência artificial.

Apesar de ser a primeira pessoa a conceber um programa, por muito tempo Ada não teve reconhecimento, e estudiosos até questionavam se ela o havia escrito. Mais de cem anos após sua morte, seu nome voltou a ser foco quando o pai da computação, Alan Turing, usou seus escritos para construir o primeiro computador, dando a devida importância para a cientista. Ada Lovelace – o sobrenome é do marido, Conde de Lovelace – morreu aos 36 anos, mesma idade de Lord Byron ao falecer. Apesar de nunca terem convivido, pediu para ser enterrada ao seu lado.

Su



LOVELACE

Su



NEM O CÉU É O LIMITE

Katie Bouman foi comparada à cientista Margareth Hamilton, que comandou o desenvolvimento do software usado na Apollo 11.



Katie Bouman

ENGENHARIA

1989

Estados Unidos

possibilitou a imagem do buraco negro, trazendo mais uma prova da teoria da relatividade de Einstein.

Para se obter a imagem, oito radiotelescópios apontaram para o mesmo lugar ao mesmo tempo, funcionando como um único telescópio gigantesco, produzindo uma quantidade enorme de dados. É como se cada um deles fosse uma parte da foto. Só faltava algo que juntasse todas as partes. O grupo liderado por Katie Bouman criou um algoritmo que tornou a façanha possível.

Mesmo com a sua contribuição e a de outras mulheres cientistas, no anúncio oficial da imagem só havia homens no palco. Mas a contribuição de Katie foi reconhecida e até ganhou um apelido, a “moça do buraco negro”. Para ela, significou alcançar seu objetivo: “tornar possível observar fenômenos antes difíceis ou mesmo impossíveis”.

Mas um projeto com vários grupos de cientistas, um deles coordenado por Katie Bouman, de apenas 29 anos, conseguiu a comprovação em 2019: a primeira imagem de um buraco negro. Graduada em engenharia elétrica pela Universidade de Michigan, Katie concluiu o mestrado e o doutorado pelo Massachusetts Institute of Technology. Nesse período, juntou-se ao projeto Telescópio Event Horizon e, aos 27, criou a base do algoritmo que

Imagens: divulgação

Na Universidade de Harvard, entre 1885 e 1927, um professor iniciou um grupo de pesquisa para coletar informações sobre as estrelas. Era o “harém de Pickering”.

O apelido pejorativo surgiu por um motivo simples: eram várias mulheres trabalhando para um homem, o astrônomo Edward Pickering. A escolha por elas foi econômica: o salário era inferior ao que se pagaria para um homem – mesmo que entre o grupo estivesse Annie Jump Cannon, graduada em física e astronomia.

Mas a história de Annie, a mais famosa das

“computadoras de Harvard” (a alcunha mais respeitosa do grupo), não começo na pesquisa – e nem foi comum. A mãe a incentivava desde criança a estudar e a ensinou não apenas a olhar, mas a entender o céu. Na universidade, Annie focou-se no estudo do cosmos.

Ela ficou surda após contrair escarlatina na Europa, mas não deixou que a adversidade prejudicasse sua carreira. No observatório de Harvard, percebeu que o sistema de catalogação de estrelas usado na época ignorava algumas características dos corpos celestes. Ela então criou seu próprio método, a partir da temperatura dos astros. Usado até hoje, o sistema não leva seu nome: é a “Classificação Espectral de Harvard”.

Apesar de ficar muito tempo no ostracismo, Cannon obteve reconhecimento em 1925. Aos 62 anos, tornou-se a primeira mulher a receber um doutorado honoris causa em Oxford, Inglaterra.



Annie J. Cannon

ASTRONOMIA

1863 – 1941

Estados Unidos



PRÊMIO A ASTRÔNOMAS

O prêmio Annie J. Cannon é entregue desde 1935 pela Sociedade Astronômica Americana a mulheres jovens.



Anna Nery

ENFERMAGEM

1814 – 1880

Brasil

Primeira mulher a ser incluída no Livro de Heróis da Pátria do Brasil, editado pelo Congresso Nacional, Anna Justina Ferreira Nery é considerada a pioneira da enfermagem no País devido às suas contribuições para a área durante a Guerra do Paraguai.

Viúva rica e estudada, Anna decidiu ir para o front após seus filhos serem convocados pelo Exército. Preocupada com o sofrimento de combatentes como eles, a baiana se voluntariou para a guerra em 1865. Em meio aos cinco anos de atuação, fundou uma enfermaria-modelo com recursos próprios em Assunção, no Paraguai, que seu filho Justiniano morreu defendendo de



ELA TAMBÉM CUIDOU DOS ÓRFÃOS

Anna voltou da guerra ao Brasil com três filhos adotivos, órfãos de soldados desaparecidos. Ela e as crianças receberam uma pensão vitalícia.



Su



Dorothy Hodgkin

QUÍMICA

1910 – 1994

Grã-Bretanha



um ataque inimigo.

Da mesma forma que Florence Nightingale (1820-1910), britânica que serviu como enfermeira na Guerra da Crimeia dez anos antes e é considerada a fundadora da enfermagem moderna, a brasileira se preocupava com as condições sanitárias: o primeiro passo para evitar que as doenças se alastrassem e que os soldados tivessem infecções ainda piores era manter a higiene no local onde os feridos ficavam.

Sem fazer distinção, Anna cuidou de soldados do próprio país e também de inimigos. No fim da guerra, foi condecorada por Dom Pedro 2º e saudada em poemas como a "mãe dos brasileiros". Apesar de ter se tornado a mais famosa, não foi a única mulher a atuar como enfermeira na guerra, mas sua condição social e o fato de ter se voluntariado renderam-lhe um destaque maior. Hoje, é considerada a Patrona da Enfermagem Brasileira.

Com 16 anos, Dorothy ganhou dos pais um livro de ciências. Uma das únicas moças autorizadas a estudar química em seu colégio, a jovem achou na obra seu futuro tema de pesquisa.

Ao ler sobre como feixes de raios X podem mapear átomos e moléculas de cristais, sentiu-se instigada. Anos depois, a cientista ganharia um Nobel de Química ao revolucionar o método, chamado cristalografia de raios X.

Laureada em 1964 – ela foi indicada mais de uma vez –, Dorothy

aperfeiçoou a técnica e conseguiu com ela decifrar as estruturas moleculares dos compostos vitamina B12, penicilina e insulina. Ao desvendar essas estruturas, Hodgkin permitiu a compreensão do impacto e da função desses compostos no organismo – e abriu as portas para a criação de novas aplicações e medicamentos.

Tudo isso enquanto batalhava contra uma doença crônica. Aos 28 anos, Hodgkin desenvolveu artrite reumática, o que inchou e deformou suas mãos e pés, mas nunca a impediu de realizar trabalhos manuais nos laboratórios ou militar pelo progresso da ciência mundo afora.

Dorothy acreditava que a ciência tinha uma função social e foi uma defensora do desenvolvimento científico em países menos desenvolvidos e sobretudo comunistas. Ela chegou a jantar na presença de Mao Tsé-Tung e Ho Chi Minh e, em 1987, recebeu o prêmio Lênin da Paz.



UMA CIENTISTA PARA ALÉM DAS IDEOLOGIAS

Margaret Thatcher, a dama de ferro da Grã-Bretanha, foi aluna de Hodgkin em Oxford. Ela tinha um quadro da cientista no escritório de seu governo.

Su

**Marie Curie****QUÍMICA**

1867 – 1934

Polônia



CURIE

Muitas vezes, as biografias das pioneiras da ciência costumam incluir trechos que deixam o leitor revoltado: são inúmeras as histórias de grandes mulheres cujas descobertas foram apagadas na época em que viveram ou, pior, atribuídas a homens que trabalhavam com elas.

Reconhecimento, com frequência, só vinha anos após a morte. Não é o caso de Marie Curie, cujos feitos lhe renderam fama desde cedo e a transformaram na primeira mulher a vencer um Prêmio Nobel – algo que ela faria duas vezes.

Seu nome de batismo era Maria Skłodowska, nascida em solo polonês quando o país ainda era parte do Império Russo. Seus pais, professores que defendiam a independência, não eram bem vistos pelo regime. Ela estudou em Varsóvia, na chamada

“Universidade Flutuante”, uma instituição clandestina em que poloneses davam aulas a seus compatriotas sem seguir o currículo oficial. Para ganhar a vida, trabalhava como governanta.

Em 1891, ainda em dificuldades financeiras, Marie e a irmã partiram a Paris em busca de uma formação acadêmica – química, física e matemática eram seus focos de interesse. Na França, Maria virou Marie, e alguns anos mais tarde Skłodowska também saiu de cena, com um novo sobrenome adotado após o casamento com o físico Pierre Curie. Juntos, eles estudariam a recém-descoberta radioatividade, o que lhes renderia um Nobel de Física em parceria com Henri Becquerel em 1903. Naquele mesmo ano, obteve seu doutorado na Universidade de Paris, da qual também foi a primeira professora mulher.

Após a morte de Pierre, Marie seguiu com suas pesquisas,

o que lhe rendeu um segundo Nobel, agora em química. Até hoje, ela é a única pessoa a vencer o prêmio em duas áreas científicas diferentes. Fascinada pelas suas descobertas, ela dedicou a vida a estudar os usos práticos dos elementos químicos, e chegava a manter um pedaço de urânio (que brilhava no escuro) na cabeceira da cama. Marie foi a responsável por identificar dois elementos da tabela periódica, o rádio e o polônio – nome que deu em homenagem ao seu país natal.

Embora tenha se naturalizado francesa, ela sempre buscou manter os laços com a terra de origem: alfabetizou as duas filhas também em polonês e as levava para viagens constantes a Varsóvia. Uma delas, Irène, seguiu os passos da mãe e também ganhou um Nobel, em 1935. Marie, no entanto, havia morrido um ano antes, vítima dos efeitos da radiação.

**A MÃE DAS RÁDIOGRAFIAS**

Marie Curie desenvolveu aplicações médicas para suas descobertas: a radiografia. Ela criou até unidades móveis de radiografias durante a 1ª Guerra. As máquinas eram chamadas de *petites Curies*, ou “pequenas Curies”, em português.

Su



UM NOBEL SÓ DELA

Em 1983, Barbara McClintock se tornou a única mulher a ganhar sozinha um Nobel de Medicina.



Barbara McClintock

GENÉTICA

1902 – 1992

Estados Unidos

em botânica, tocou banjo em uma banda de jazz e, ao ver um seminário sobre genética, ramo que recém se desenvolvia, decidiu seguir a área.

Já doutora, passou a dar aulas, apesar de preferir os laboratórios. Nos anos 1940, largou a docência para se dedicar apenas à pesquisa. No período, mapeou os cromossomos do milho e iniciou uma revolução ao analisar como grãos do cereal mudam de características a cada geração. Mas ninguém acreditou nos resultados. Só 20 anos depois, quando homens encontraram os mesmos indícios, ela recebeu o crédito pelo achado.

Ela descobriu a transposição genética: percebeu que genes sofrem mutações a cada geração e "ligam" ou "desligam" fenótipos. Isso mostrou que sequências de DNA podem causar doenças ou serem "desativadas" para curá-las – um feito que revolucionou e ainda vai gerar impactos da medicina à agricultura por anos a fio. Contrariando a mãe, Barbara nunca se casou.

Nascida Eleanor, seus pais a achavam um bebê independente demais para ter um nome tão "delicado". Meses após o batismo, mudaram para Barbara.

Tímida, desde jovem queria ser uma cientista, mas sua mãe insistia que um diploma a impediria de achar um marido. Com ajuda do pai, Barbara entrou na faculdade. Graduou-se

Se você já ouviu falar de Henrietta Lacks, deve ter sido por sua morte – ou, mais exatamente, por sua imortalidade.

Descendente de escravizados nas grandes plantações do sul dos EUA, ela levou uma vida humilde e foi vitimada por um agressivo câncer cervical aos 31 anos.

Poderia passar esquecida pela história, mas, além de quatro filhos, Henrietta deixou uma contribuição inestimável (e inesperada) à medicina. Imediatamente após sua morte, suas células cancerígenas foram retiradas para estudo. E os especialistas viram uma propriedade incomum: elas eram "imortais", ou seja, podiam ser reproduzidas

de forma potencialmente infinita para os mais diversos fins.

"Era como se o interior do seu corpo estivesse cheio de pérolas", escreveu um médico sobre os vários tumores brancos que cobriam os órgãos de Henrietta. As células ganharam nome próprio, HeLa, renderam bilhões de dólares em descobertas e salvaram milhões de vidas pelo caminho: são utilizadas em estudos no tratamento de hemofilia, leucemia, Parkinson, herpes, além do desenvolvimento da vacina contra a poliomielite e na quimioterapia, entre outros.

Mas a "imortalidade" de Henrietta também se tornou um dilema na ética médica: na época, era padrão que os pesquisadores retirassem material de seus pacientes sem consentimento. Antes de as células HeLa se tornarem famosas, a família de Henrietta nunca havia sido informada e nem recebeu compensação pelos lucros obtidos com seu material genético.

Ainda hoje, as células de Henrietta seguem vivas e se reproduzindo em laboratórios.



Henrietta Lacks

MEDICINA

1920 – 1951

Estados Unidos



"VOCÊ É FAMOSA AGORA"

Foi a frase dita pela filha de Henrietta, Deborah Lacks Pullum, ao visitar os laboratórios do Hospital Johns Hopkins, onde as células foram armazenadas originalmente.



Trota de Salerno

MEDICINA

1100 – 1150

Itália

Su



Ser mulher na Idade Média não era nada fácil. Além de não ter espaço político na sociedade da época, havia um imenso desconhecimento sobre o corpo feminino.

Como quase todos os médicos eram homens, o desconhecimento imperava. Mesmo as mulheres letradas em geral eram monjas religiosas que, embora soubessem mais sobre o funcionamento do organismo das mulheres e suas diferenças em relação ao dos homens, não tinham experiência em primeira mão sobre reprodução ou gravidez.

Os “especialistas” da época acreditavam, por exemplo, que o útero tinha a capacidade de sentir cheiros. Um problema pulmonar poderia ser causado pelo fato de o útero ter subido demais no corpo e se aproximado dos brônquios, o que significava que era preciso afastá-lo de lá. Uma combinação de odores pútridos era aproximada do nariz da mulher, enquanto vapores e óleos com cheiros doces eram posicionados perto da vagina, com o objetivo de “atrair” o útero para baixo.

A menstruação também não escapava da ignorância. A sabedoria popular medieval garantia que queimar um sapo era uma boa maneira de reduzir o fluxo menstrual – melhor ainda se suas cinzas fossem colocadas em uma bolsa em frente ao órgão reprodutor feminino. O fato de as menstruações

serem menos frequentes, devido a uma alimentação pior e a um maior número de filhos por mulher, contribuía para aumentar o tabu e a ignorância.

Trota, uma médica de Salerno, no sul da Itália, ajudou a melhorar as coisas para as mulheres de seu tempo. Com acesso facilitado aos livros pelo fato de seu marido também exercer a medicina, ela passou a buscar maneiras de aliviar a dor no parto com chás e ervas (a anestesia só começaria a ser aplicada no século 19) e também sugeriu conceitos inovadores – ao discutir a infertilidade, propôs que os problemas para ter filhos podiam não vir necessariamente da mulher, mas também do homem.

Ela seguiu influenciando a vida de mulheres europeias nos séculos seguintes: seus trabalhos foram sendo reeditados quase sem alterações por 400 anos – e ainda hoje são atuais. Exercícios físicos regulares, alimentação balanceada, cuidados com a higiene pessoal eram algumas das dicas que Trota dava para melhorar a saúde geral e sexual das suas pacientes e leitoras.

Seus conhecimentos foram reunidos na *Trotula*, obra que compila textos seus e de outros médicos de Salerno. Mas o machismo quase apagou seu nome. Só no século 20, historiadores começaram a comparar fontes europeias citando o livro e concluíram que Trota de Salerno havia escrito parte do original.



A PRIMEIRA GINECOLOGISTA

Por seu pioneirismo, Trota costuma ser citada como a “fundadora” da ginecologia, especialmente após a redescoberta de seus trabalhos. Ela estava tão à frente de seu tempo que o primeiro hospital dedicado exclusivamente às mulheres só surgiu em 1855, em Nova York, sete séculos após sua morte.

LÉRNO



**EM BUSCA
DE UM
NOME
PRÓPRIO**

Depois da separação, o ex-marido exigiu que Wangari retirasse o sobrenome de casada. Ela se recusou: "não sou um objeto que muda de nome a cada novo dono", explicou em sua autobiografia. Em vez disso, acrescentou um "a" em "Maathai" para que fosse escrito conforme a pronúncia de sua língua-mãe, o quíquio.



Wangari Maathai

BIOLOGIA

1940 – 2011

Quênia

Su

No início de 1992, o governo do Quênia promoveu uma série de prisões arbitrárias para intimidar opositores. Junto com dezenas de mulheres, a bióloga e ativista Wangari Maathai protestou fazendo greve de fome.

Não se tratava de uma jovem rebeldes e, sim, de uma renomada acadêmica de meia-idade. Nos anos 1960, ela havia sido uma das 300 estudantes africanos convidados pelo senador John F. Kennedy a estudar nos EUA. Lá, estudou biologia e tomou contato com ideias revolucionárias para a época: a ciência começava a mostrar que replantar árvores e preservar a natureza ajudava a combater a poluição e podia desenvolver seu país ainda mais do que desmatando. Essa seria sua bandeira pelo resto da vida. Após quatro dias, a polícia reagiu com força. A surra – piorada pelo jejum – mandou Wangari para o hospital, mas os manifestantes não desistiram. Em 1993, os presos políticos foram, enfim, soltos.

Não foi a primeira nem a última vez que Wangari enfrentou o presidente Daniel Moi. Três anos antes, havia denunciado os planos

de construção de um prédio comercial em um parque de Nairóbi. O governo disse que ela era uma "mulher louca" que não respeitava os homens. "Vamos usar a anatomia que importa, que é do pescoço para cima", respondeu a bióloga. Meses depois, os investidores estrangeiros cancelaram a verba destinada ao projeto.

Em 1977, Wangari fundou o Green Belt Movement (GBM), iniciativa que já plantou mais de 51 milhões de árvores no Quênia. As primeiras integrantes do movimento foram justamente trabalhadoras de comunidades rurais, responsáveis pelo cultivo de alimentos e coleta de água. Com a restauração das florestas, a população do campo teve acesso a lenha e comida barata, e os rios voltaram a fluir. Além do ambientalismo, a professora fez questão de defender a democracia, o direito das mulheres e a redução da desigualdade social. E isso era suficiente para que o governo a visse com maus olhos.

Wangari também foi eleita deputada em 2003 e, um ano depois, virou a primeira mulher africana a receber o Nobel da Paz. "Meu único limite são minhas habilidades", costumava repetir.



WANGARI MAATHAI



Hipátia de Alexandria

FILOSOFIA

350 — 415

Egito

ALEXANDRIA



A data de seu nascimento é incerta – costuma ser situada entre os anos 350 e 370 –, mas não há dúvidas de que Hipátia (pronuncia-se Hipácia) nasceu em uma cidade em dificuldades: criada sete séculos mais cedo por Alexandre, o Grande, Alexandria havia representado o domínio grego sobre o Antigo Egito, mas agora vivia um período de declínio.

A famosa biblioteca, onde estudaram vários sábios de diferentes pontos da África, Europa e Oriente Médio, foi lentamente reduzida a uma fração de seu antigo acervo. Guerras, incêndios e até mesmo um tsunami, no ano 365, fizeram com que grande parte da antiga glória se perdesse. Não à toa, o matemático Téon decidiu mandar a filha, Hipátia, estudar em Atenas.

Quando retornou a sua terra natal, Hipátia rapidamente se destacou: desenvolveu seu

próprio hidrômetro e um astrolábio (instrumento usado para medir a posição das estrelas) e conquistou uma legião de seguidores, com quem discutia conceitos de aritmética, geometria e astronomia. Grande pensadora de seu tempo, tornou-se líder da escola neoplatônica, digna de figurar entre os grandes filósofos do mundo greco-romano. Seguidora de Plotino, era adepta do monismo: a ideia de que tudo o que existe vem de uma única fonte, “O Um”, anterior a tudo. Mas as luzes recuperadas por Hipátia não foram suficientes para tirar Alexandria de seu período atribulado. Com o Império Romano abraçando o cristianismo com um fervor cada vez maior, a filósofa passou a ser considerada uma ameaça por “doutrinar” os jovens fora dos preceitos da Igreja. O bispo da cidade, Cirilo, espalhou boatos de que Hipátia fazia sacrifícios humanos.

Inflamado pelo líder religioso, um grupo de fiéis armados

capturou a filósofa. Ela foi arrastada para a igreja de Cesarión, teve suas roupas rasgadas e foi espancada até a morte – uma versão, mais rica em detalhes sórdidos, diz que ela teve a pele raspada com ostras e restos de cerâmica. No fim, seus membros foram arrancados e os restos mortais, queimados, para varrer qualquer resquício das suas ideias. Cirilo de Alexandria, por outro lado, seria canonizado e viraria santo: a festa em sua homenagem é celebrada em 27 de junho.

Além do fanatismo religioso, tratava-se sobretudo de uma briga de poder: entre os discípulos de Hipátia estava o prefeito Orestes, que sempre consultava a filósofa antes de tomar uma decisão importante. Cirilo dizia que a pensadora era uma bruxa que estaria usando seus poderes para seduzir Orestes. Os registros, porém, apontam que Hipátia se manteve celibatária até o fim, com o objetivo de dedicar todos os seus dias ao estudo.

Su



RESGATE NO SÉCULO 19

Hipátia voltou a ser pop em 1853, quando o romancista inglês Charles Kingsley publicou um livro inspirado nela. Hoje considerado uma obra preconceituosa por usar a história da filósofa para defender o antisemitismo e ideias anticatólicas, na época foi saudado como um dos livros favoritos da Rainha Vitória.

**DORMINDO COM O INIMIGO**

Hannah teve um caso com o filósofo alemão Martin Heidegger, um dos grandes pensadores do século 20 e simpático a Hitler. Ela questionou a adesão do amante ao regime nazista em cartas, mas nunca rompeu ligações. E continuou usando as ideias sobre o "ser" do alemão em seus escritos. Para muitos críticos, o amor pode superar até mesmo a ética.

**Hannah Arendt****FILOSOFIA**

1906 — 1975

Alemanha

Su

Quando Hitler assumiu o poder em 1933, a jovem Hannah Arendt foi impedida de iniciar sua carreira docente em Berlim. O motivo: a recém-doutora em Filosofia era judia.

O regime nazista prenderia a filósofa brevemente ainda naquele ano, por resistir à perseguição antissemita. Eram os primeiros passos da Alemanha para o Holocausto.

A situação forçou Arendt a fugir para Paris, onde foi declarada apátrida pelos alemães. Essa experiência marcaria sua teoria política: ela buscou entender como e por que genocídios e governos totalitários se tornam viáveis. Após a ocupação nazista da França, em 1940, ela chegou a ser presa em um campo de detenção, mas conseguiu fugir para os EUA com a ajuda de um repórter americano, que levou ao país cerca de 4 mil refugiados no período.

Lá, em 1951, publicaria *Origens do Totalitarismo*, seu primeiro livro de sucesso. Para Arendt, a ascensão do nazismo e do comunismo representou um novo tipo de regime, cujo fim seria o domínio absoluto de todos os aspectos da vida de um povo. Esse tipo de governo se justificaria por meio de grandes ideologias sustentadas via propaganda estatal, que apresentariam soluções simples e únicas para todos os problemas.

Anos depois, a pensadora teria

a oportunidade de analisar mais de perto a dimensão humana dos responsáveis pelo Holocausto. Coordenador logístico do genocídio, o nazista Adolf Eichmann, até então foragido, foi preso e mandado a julgamento em Israel. No tribunal, Hannah se chocaria ao encontrar no banco dos réus não um monstro, mas um burocrata cioso das leis, regras e diretrizes.

Hannah acompanhou o processo e lançou uma série de artigos em que buscou explicar como um homem tão comum foi capaz de algo tão terrível. Nascia o conceito de banalidade do mal: Eichmann teria se tornado um genocida não por uma malvadeza radical, mas por ser um homem acrítico que abandonou sua autonomia para seguir regras. O nazista teria sido motivado não por ser um homem cruel, mas por uma estupidez. O mal pode se tornar algo banal.

Seus textos, publicados originalmente na revista *New Yorker*, foram mal-recebidos por parte da comunidade judaica, que acusou a filósofa de "humanizar" o carrasco. As críticas se somaram a acusações de antisemitismo contra Arendt, que defendia uma solução de dois Estados para o conflito entre Israel e Palestina. Polêmicas à parte, sua análise é hoje referência para a compreensão dos regimes totalitários do século 20 – e de agora.

ARENDT




Simone de Beauvoir

FILOSOFIA

1908 – 1986

França



Ao longo da história, o que é ser mulher foi definido a partir de valores masculinos. Nessa lógica, o feminino é mera oposição ao masculino. Eles são fortes; elas, frágeis. Eles trabalham; elas cuidam do lar.

Ao analisar a condição feminina, a filósofa francesa Simone de Beauvoir percebeu esses limites e propôs uma solução: mulheres precisam se auto-produzir, definir a si mesmas, para deixar de ser definidas pelo olhar de um outro. "Não se nasce mulher; torna-se" foi sua conclusão. Beauvoir usou para formular suas ideias o existencialismo, pensamento popular na Europa pós-2ª Guerra. Sua ideia central é que a existência humana vem antes de sua essência. Ou seja: não há nada que nos faça ser de um

jeito ou de outro. Cabe a nós definir isso. Beauvoir sugeriu que mulheres reconquistassem a própria independência por meio do cultivo de uma vida responsável, livre e autosuficiente. Seu pensamento, ousado para a época, impulsionou o feminismo ao colocar a desigualdade entre homens e mulheres como uma questão a ser refletida – e enfrentada.

Sua grande obra é *O Segundo Sexo*, de 1949, considerada uma das mais importantes e originais da história. Foi nela que Simone refletiu sobre a condição feminina a partir de como o corpo da mulher era visto e enquadrado pelas convenções sociais e por uma lógica patriarcal que a subjuga. A obra se tornou leitura obrigatória para a compreensão do pensamento feminista da segunda metade do século 20.

Com uma escrita que combina filosofia e literatura, Simone produziu uma vasta bibliografia, de romances até o autobiográfico *A Cerimônia do Adeus*. Por seu carisma e modo de vida excentrício (veja texto ao lado), Beauvoir foi uma intelectual-celebridade. Essa visibilidade alastrou sua influência para a política e a cultura popular. Além de militar em causas feministas, protestou contra o colonialismo francês e foi uma das entusiastas do movimento de maio de 1968. Nascida em uma família rica de Paris, teve criação católica e até cogitou virar freira. Mas logo se revelou uma ateísta convicta. Formada, se tornou professora aos 21 anos, até hoje a pessoa mais jovem a passar em um concurso docente na França.



PARCERIA NO AMOR E NAS IDEIAS

Beauvoir foi namorada do filósofo Jean-Paul Sartre – eles nunca se casaram no papel e mantinham um relacionamento aberto. Enquanto Sartre formulava as bases teóricas do existencialismo, Beauvoir deu uma aplicação prática aos conceitos ao se deter no papel social da mulher.



NÃO CONTEM PARA NINGUÉM

sci-hub.se é o endereço atual do site. Desde 2015, o domínio precisa ser trocado regularmente para escapar da censura.



Alexandra Elbakyan

HACKER

1988

Cazaquistão

Até 2011, a ciência estava trancafiada por muros de dinheiro. Para cruzar os paywalls e ler cada estudo, os usuários precisavam desembolsar dezenas de dólares.

Mas, naquele ano, o site Sci-Hub liberou o acesso ao acervo dos maiores repositórios de pesquisas científicas privados do mundo. Hoje, são mais de 74 milhões de arquivos pirateados pela plataforma.

A responsável foi a jovem hacker de origem cazaque Alexandra Elbakyan. Antes de defender a livre circulação de

informações, Alexandra era uma aluna de TI em apuros. Ela precisava concluir seu projeto final para a faculdade, mas esbarrava numa dificuldade: todos os artigos sobre o assunto estavam bloqueados por um caro paywall, e a solução era recorrer a fóruns de universitários que liberavam os trabalhos para os colegas. Um par de anos e muitas linhas de código depois, ela criou o algoritmo que automatizou a tarefa – nascia então o "Sci-Hub". Para Alexandra, o site permite às pessoas participarem do progresso científico, como prevê o artigo 27 da Declaração dos Direitos Humanos. Em 2016, ela foi considerada uma das dez pessoas mais importantes do ano pela revista *Nature*. Meses depois, a justiça dos EUA decidiu que Sci-Hub e sites similares deveriam pagar US\$ 15 milhões à Elsevier, a maior editora de publicações científicas. A hacker vive escondida desde então.

Su

Quando o assunto é Prêmio Nobel, grandes pensadoras e ativistas se acumulam na lista de reconhecidos na Literatura, Paz, Física, Química e Medicina.

Mas não na Economia, que distribui medalhas desde o fim dos anos 1960 e, até hoje, só premiou uma mulher. Elinor Ostrom, professora da Universidade de Indiana, nos Estados Unidos, foi quem rompeu o domínio dos homens na área – em 2009, mais de 40 anos após a criação do prêmio.

As ideias que chamaram a atenção do comitê

tinham a ver com a vida em comum: estudando pastores africanos, pescadores da Indonésia e vilarejos remotos do Nepal, ela comprovou como diferentes sociedades são capazes de se organizar para gerenciar o uso de recursos naturais limitados, como os peixes de um rio, as pastagens de um rebanho ou uma floresta. Suas observações ajudaram a questionar uma antiga noção econômica segundo a qual, mais cedo ou mais tarde, interesses individuais acabariam derrubando os objetivos comuns e destruindo o meio ambiente.

Ostrom demonstrou, na prática, que as pessoas diretamente afetadas pelo uso dos recursos naturais costumam tomar decisões mais lucrativas e sustentáveis do que quando uma empresa privada ou o governo se envolvem no assunto. Seus trabalhos continuam a influenciar políticas de sustentabilidade ao redor do mundo.



Elinor Ostrom

ECONOMIA

1933 – 2012

Estados Unidos



A NECESSIDADE É MÃE DA CRIAÇÃO

Nascida quatro anos após a quebra da Bolsa em 1929, Elinor dizia que seu interesse em estudar a cooperação mútua surgiu após ver seus vizinhos se ajudando na crise.



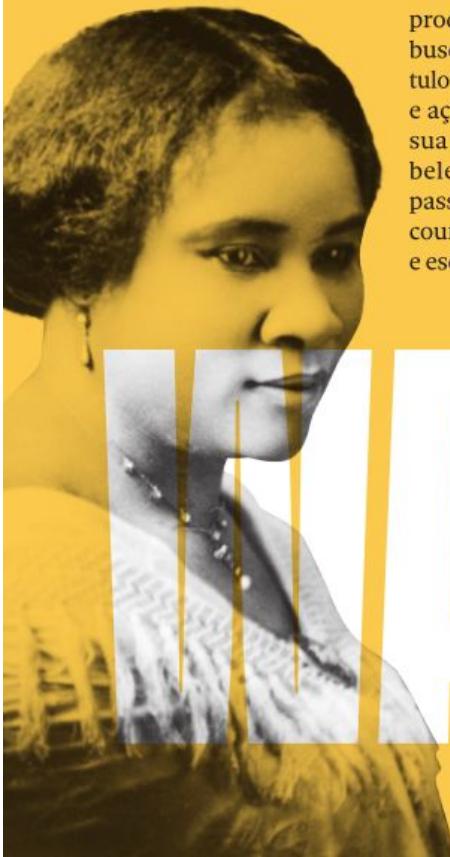
**Madam
C.J. Walker**

NEGÓCIOS

1867 — 1919

Estados Unidos

Su



Não se tem uma data exata de quando os primeiros africanos foram trazidos para serem escravizados nos Estados Unidos. Mas sabe-se quando eles foram libertos: 1º de janeiro de 1863. Quatro anos depois, em uma família composta inteiramente de escravos libertos, nasceu a primeira criança livre.

Sarah Breedlove entraria para a história como a primeira mulher a se tornar milionária por conta própria.

O caminho foi longo: mesmo com a liberdade, Sarah teve que trabalhar durante toda a infância em plantações de algodão. Perdeu sua mãe aos 7 anos, e o pai pouco tempo depois. Foi abusada pelo cunhado e, para fugir, casou-se aos 14 anos. Aos 21, com uma filha, já era viúva.

Ela foi, então, morar com seus irmãos mais velhos, que trabalhavam em uma barbearia. Conseguiu também um emprego, lavando o cabelo das clientes. Nesse período, passou a ter problemas no couro cabeludo e começou a ficar careca. Ela usou diversos produtos e nenhum funcionava. Cansada da falta de bons produtos para mulheres como ela, buscou uma solução. Lendo os rótulos, pesquisando sobre o benefício e ação de cada componente, criou sua própria linha de produtos de beleza. Sua técnica era simples: passava uma pomada caseira pelo couro cabeludo, aquecia os pentes e escovava os cabelos. E funcionou,

atraíndo uma legião de fãs.

Mudou seu nome, incluiu o sobrenome do novo marido, Charles Joseph Walker e, por indicação dele que trabalhava na área de vendas e publicidade, chamou a marca - e a si mesma - de "Madam C.J. Walker".

Vendia seus produtos de porta em porta. Com o sucesso aumentando, precisou contratar funcionárias, as "agentes Walker". Ela queria que mais mulheres negras empreendessem, fossem autônomas e ganhassem seu próprio dinheiro. "Não estou satisfeita em ganhar dinheiro só para mim. Eu me esforço para oferecer emprego a centenas de mulheres negras."

A marca fez um imenso sucesso. Ela viajou por diversos Estados do seu país para treinar suas consultoras. Em 1910, estabeleceu uma fábrica em Indianápolis e expandiu seus negócios para outros países, como Jamaica, Cuba, Costa Rica, Panamá e Haiti.

A primeira milionária com o próprio trabalho da história financiou bolsas de estudo para mulheres negras nas universidades, além de fazer doações para a Associação Nacional para o Progresso de Pessoas de Cor dos EUA e outras instituições envolvidas com a causa. Walker mudou até a língua inglesa. Nos EUA, o termo para isso era *self-made man*, ou "homem feito por si mesmo". Madam obrigou que a expressão ganhasse um novo gênero: ela foi a primeira *self-made woman*.



**POR TRÁS
DE UMA
GRANDE
MULHER....**

Madam tinha muitas funcionárias mulheres, mas uma delas se destacou. Marjorie Joyner inventou a máquina de fazer cachos permanentes, enquanto trabalhava nas empresas da chefe. A invenção - uma engenhoca enorme que deixava as mulheres como uma medusa durante o processo - foi patenteada em seu nome, mas comercializada pela indústria Walker.



WALKER

Su



Amelia Earhart

AVIADORA

1897 — 1937

Estados Unidos

ZERO CAFEÍNA

Amelia não gostava de tomar chá ou café. Para se manter acordada em viagens mais longas, ela utilizava sais de amônia, substância inalável tradicionalmente empregada para reanimar pessoas após um desmaio.

Ostentando vários recordes e pioneirismos em seu currículo, a aviadora Amelia Earhart parecia ter poucos desafios restando por concluir quando decidiu partir na missão mais ambiciosa da sua vida.

No início de junho de 1937, pouco mais de um mês antes de completar 40 anos, ela e o navegador Fred Noonan saíram da Califórnia com o objetivo de dar a volta ao mundo a bordo do Electra, o avião dela. Pelo caminho, percorreram 22 mil quilômetros e chegaram a passar pelo Brasil, com escalas em Fortaleza e Natal, antes de seguir viagem para a África e a Ásia.

Em 2 de julho, já na Oceania, seu avião partiu de Papua-Nova Guiné para iniciar a parte final – e mais difícil – do trajeto, percorrendo o Pacífico até chegar novamente aos Estados Unidos. Faltavam 10 mil quilômetros. Mas, após aquela decolagem, a aeronave logo perdeu contato de rádio e nunca mais foi vista. A Marinha dos EUA tentou encontrar os restos do avião, mas, na vastidão do oceano, não teve sucesso. As buscas foram encerradas após 16 dias, sem conclusão. Amelia e seu navegador foram declarados oficialmente mortos em 1939, mas seus corpos jamais foram encontrados.

O desaparecimento e provável morte de Amelia Earhart permanece como um dos grandes mistérios da história da aviação. Não se sabe se a

aeronave caiu em terra ou no mar, se ela chegou a sobreviver ao impacto ou, mesmo, se houve um acidente: algumas teorias da conspiração surgiram desde lá, garantindo que ela estaria viva e retornou incógnita, adotando outro nome. Outros dizem que teria pousado no Japão e atuado como espiã na 2ª Guerra.

Especulações à parte, o que se sabe é que a vida de Amelia foi suficiente para convertê-la em lenda. Desde que começou a voar, nos anos 1920, ela estabeleceu uma série de recordes de velocidade, altitude e distância, tanto entre mulheres quanto para os dois sexos. Em 1932, em seu feito mais notável, se tornou a primeira mulher a cruzar o Atlântico pilotando sozinha: saiu do Canadá e pousou em Derry, na Irlanda do Norte, após 14 horas e 56 minutos de viagem. Seu plano era seguir até Paris, mas uma tempestade no caminho provocou uma aterrissagem forçada – como o oceano havia ficado para trás, a marca foi estabelecida da mesma forma.

Os feitos de Amelia contribuíram para a evolução dos conhecimentos na aviação e ajudaram a integrar as mulheres a essa área, dominada por homens. Seu sucesso e sua ambição a colocaram muito à frente de seu tempo: após o desaparecimento do Electra, seriam necessários outros 27 anos até que uma mulher finalmente realizasse a volta ao mundo sozinha. Em 1964, Geraldine Mock realizou o feito que sua ídola havia morrido tentando alcançar.



EARHART



**Valentina
Tereshkova**

ASTRONAUTA

1937

Rússia

TERESHKOVA



Su

No caminho para a base de lançamento, a cosmonauta Valentina Tereshkova se deparou com uma decisão inesperada para alguém que estava a ponto de embarcar em uma histórica missão espacial: pedir ao motorista que parasse para ela fazer xixi.

Era 16 de junho de 1963 e, pouco mais de dois anos antes daquela empreitada, Yuri Gagarin havia se tornado o primeiro ser humano a orbitar a Terra. Gagarin também tinha iniciado uma tradição improvisada: precisando muito ir ao banheiro antes de entrar na nave, desceu e urinou no pneu de trás do ônibus. A missão de Gagarin foi um sucesso e, desde então, todos os cosmonautas que se seguiram repetiram o gesto, por superstição.

Todos, porém, eram homens. Mas, se aquela era uma missão em parte dedicada a mostrar que mulheres podiam fazer o mesmo

que eles, não seria um xixi qualquer que impediria Valentina de seguir adiante: ela também deixou a sua marca à beira da estrada e, em seguida, embarcou na Vostok 6 para fazer história. Ela deu 48 voltas ao redor da Terra, tornando-se a primeira mulher no espaço, em uma missão que durou mais do que o previsto: quase três dias, em vez de um.

Só em 2004 foi revelado que um erro no controle de solo fez com que a espaçonave subisse mais ao invés de descer, estendendo a permanência e arriscando a vida da cosmonauta. Mas, fiel ao seu juramento, Valentina jamais havia comentado o caso antes de ele ser tornado público — embora tenha sido ela a responsável por identificar o erro dos colegas, já nas primeiras horas.

Valentina, que trabalhava em uma fábrica de tecidos e pulava de paraquedas como hobby, foi selecionada entre mais de 400 mulheres para participar do

programa espacial soviético — a ideia era estudar se o organismo feminino se comportaria de forma diferente do que o dos homens que já haviam estado em gravidade zero desde a missão de Gagarin, em abril de 1961.

Os requisitos eram simples: pelas limitações da engenharia da nave, a selecionada precisava ter menos de 1,70m de altura e, para garantir boa saúde, não poderia passar dos 30 anos. Aos olhos do Kremlin, manter uma boa militância contava pontos extras — e Valentina preenchia toda a checklist, sendo secretária da Liga da Juventude Comunista. O grande diferencial, porém, acabou sendo sua experiência com paraquedismo, algo pouco comum na época.

Valentina voltou à Terra como uma heroína em uma área que permanece pouco feminina. Até hoje, ela continua a ser a única mulher a ter embarcado sozinha em uma missão espacial.



PASSAGEM PARA O PLANETA VERMELHO

Em 2012, um projeto chamado Mars One foi criado, e visava colonizar Marte em 2023. Valentina, há anos sem ir ao espaço, inscreveu-se no programa. Ela queria uma passagem só de ida para Marte. Mas o sonho não vai se realizar, já que o projeto foi cancelado.

Su

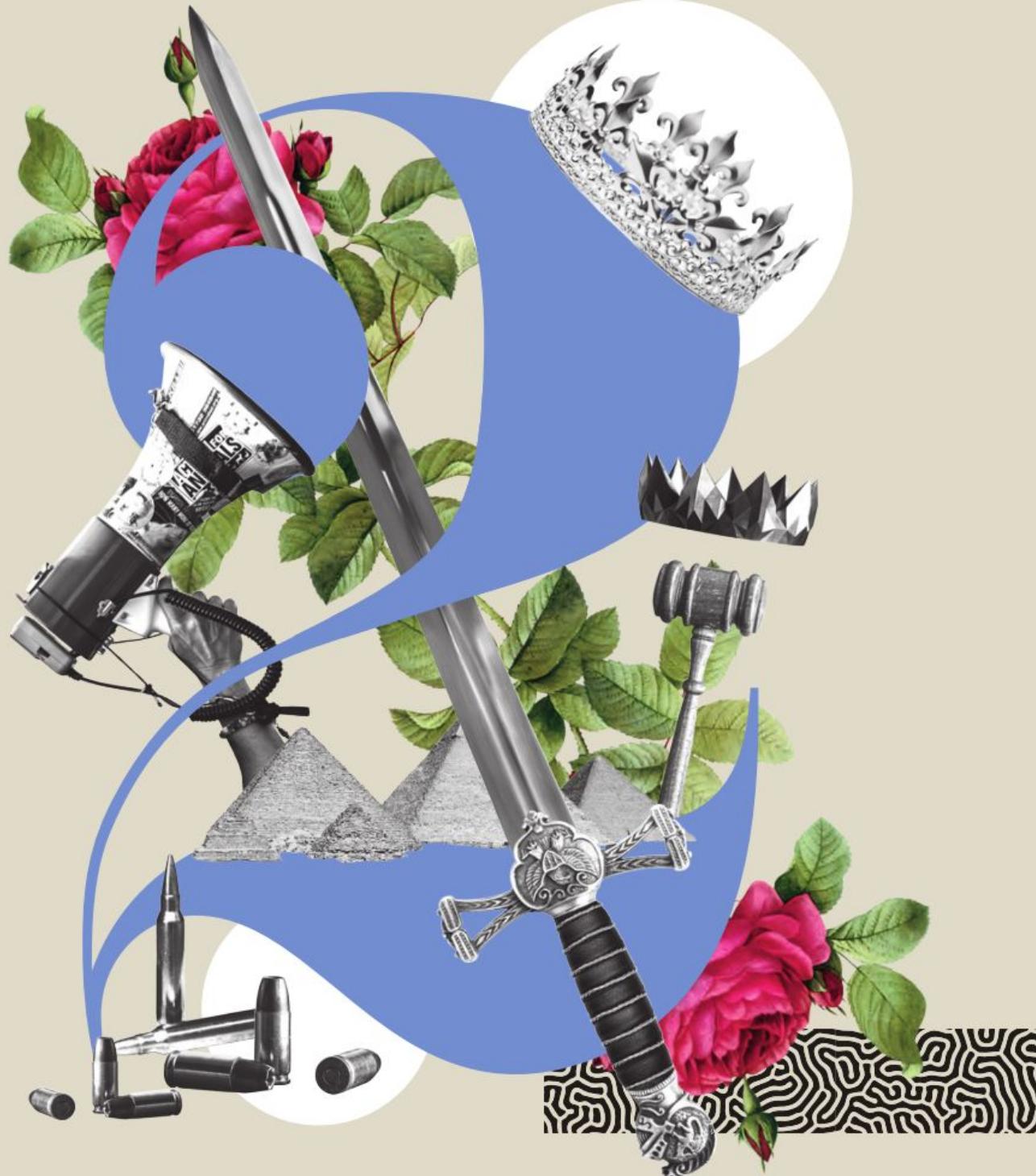


EDIÇÃO Sílvia Lisboa
TEXTOS Juan Ortiz, Maurício Brum,
Pedro Nakamura e Stéfani Fontanive
ILUSTRAÇÃO Cristina Kashima

De guerreiras a rainhas, de ativistas a presidentas e primeiras-ministras, as mulheres deste capítulo subverteram a ordem e as convenções sociais das épocas em que viveram para chamar atenção para suas lutas. Nem todas foram bondosas, mas suas histórias ajudaram a moldar o mundo.

PODER

Su





A COBRA EXISTIU?

Embora a versão mais famosa da morte de Cleópatra envolva a picada de uma serpente, não se sabe como ela realmente morreu. Algumas versões falam em envenenamento simples, sem envolver uma cobra, utilizando pomadas tóxicas ou uma agulha, e há quem defenda que ela foi executada.



Cleópatra

FARAÓ

69 a.C. – 30 a.C.

Egito

Su



CLEÓPATRA

Quando ela morreu, uma longa era na história da humanidade chegou ao fim também: o Antigo Egito enquanto uma potência relativamente independente.

Dezenas de dinastias haviam se sucedido nos últimos milhares de anos e, quando Cleópatra chegou ao poder, já eram os gregos que dominavam a região. A chamada dinastia ptolomaica, à qual ela pertencia, havia mudado muitas coisas – até mesmo a língua, que passou a ser a mesma de Atenas.

Cleópatra foi uma rara faraó que tentou reviver algumas tradições do passado: a única descendente dos gregos a aprender egípcio, ela também buscou usar sua influência (e sedução) para manter a autonomia do Egito. Graças a uma aliança com Roma, Alexandria foi reconquistada sob seu comando, e Cleópatra conseguiu reinar absoluta.

Ela se casou com Júlio César e teve o único filho biológico do lendário líder romano, que ganharia o nome de Ptolomeu Cesário. Vivendo em tempos turbulentos tanto para os egípcios quanto para os romanos, Cleópatra tentou se equilibrar em meio às disputas de poder da época, com diferentes doses de sucesso dependendo do tamanho da crise.

Quando César foi traído e assassinado em pleno Senado romano, ela tentou fazer de Cesário – então um menino de 3 anos – o seu

sucessor, mas não foi ouvida. Em vez disso, foi nomeado um triunvirato com os senadores Otávio, Marco Antônio e Lépido. A rainha egípcia então se aproximou de Marco Antônio, com quem também manteve um relacionamento.

Roma, porém, seguia engolida pelo caos político. Novas guerras civis marcaram a disputa de poder entre os três líderes, e Otávio logo se tornou o mais forte deles, pronto para mandar sozinho. Encerrados, Cleópatra e Marco Antônio, que estavam em Roma, fugiram para o Egito, onde encontrariam seu fim: com tropas otavianas marchando sobre Alexandria, Marco se suicidou. Cleópatra também teria optado por tirar a própria vida alguns dias mais tarde – segundo a lenda, deixando-se picar por uma cobra.

Com o caminho livre pela frente, Otávio buscou se livrar de qualquer oposição futura: 11 dias depois da morte de Cleópatra, o agora faraó por descendência Cesário era assassinado, aos 17 anos. Officialmente, foi o último dos faraós, embora já sem poder algum. Sua mãe havia sido a derradeira comandante do Egito livre.

O legado de Cleópatra permanece vivo na arte, na literatura e até no cinema. O fim da sua vida marcou uma passagem de bastão definitiva entre grandes reinos da Antiguidade: o Egito tornou-se uma mera província do que seria o Império Romano.

Su

**Isabel, a Católica****MONARCA**

1451 – 1504

Espanha



Villa Isabela é considerada a primeira cidade fundada por europeus nas Américas.

O povoamento, situado no norte da ilha de Hispaniola (hoje dividida entre República Dominicana e Haiti), não durou muito: em menos de dez anos, os próximos colonizadores se estabeleceriam em lugares mais promissores. Mas o nome ficou na história, assim como a pessoa que o inspirou: Isabel 1^a, a rainha de Castela.

O financiamento para a grande viagem de Cristóvão Colombo, que mudaria o mundo (e o mapa-múndi), foi o último grande ato de uma vida repleta de transformações que Isabel encabeçou. Até mesmo o seu casamento ajudou a alterar fronteiras: em 1469, juntou-se com Fernando 5º de Aragão, unindo as duas principais coroas da Península Ibérica e, na prática, reunificando a Espanha.

O casal ficaria conhecido como os reis católicos, uma aliança que ganhou ainda mais força quando os dois garantiram o domínio da sua fé por toda a região. Sob os desígnios de Isabel, a Inquisição voltou com força total, comandada pelo temido frei Tomás de Torquemada. Judeus acabaram perseguidos e mais de 200 mil tiveram que fugir para manter a fé sem acabar na fogueira. Quem tentou ficar só podia escapar da morte renegando sua própria religião – tornaram-se os chamados “cristãos novos”.

Foi também em seu reinado que a Espanha expulsou definitivamente os mouros. Muçulmanos do norte da África que vinham ocupando a Península Ibérica há quase 800 anos, eles foram derrotados em Granada, seu último enclave, no dia 2 de janeiro de 1492. Um ano, aliás, repleto de acontecimentos: alguns meses mais tarde, em 12

de outubro, Cristóvão Colombo desembarcou no Novo Mundo, na mesma ilha onde Villa Isabela viria a ser fundada.

Colombo, genovês de origem, havia sido patrocinado por Isabel em seu projeto de dar a volta ao mundo até a Índia. Em vez disso, encontrou um continente inteiramente desconhecido – que a Espanha não tardou em tomar para si, aceitando apenas dividir parte do território com a outra grande potência naval da época, Portugal.

O domínio transatlântico iniciado no reinado de Isabel fez com que a Espanha se tornasse um dos impérios mais poderosos do mundo nos séculos seguintes. Hoje, mesmo sem a riqueza do passado, o legado espanhol segue presente na cultura de grande parte do mundo: o idioma castelhano é a língua oficial de 20 países, com mais de meio bilhão de falantes nativos.

**CASAMENTO ESCONDIDO**

Isabel não estava na linha de sucessão do trono e fez um acordo com Henrique, seu irmão, para entrar: casaria com quem ele mandasse. Mas Isabel não gostou de nenhum dos pretendentes escolhidos e negocou às escondidas sua união com Fernando.



**VAZOU
NUDES**

Catarina foi vítima de fake news. Após sua morte espalhou-se um boato de que ela teria morrido fazendo sexo com um cavalo: a trelíça que se-gurava o animal quebrou, e a imperatriz teria sido esmagada. Mas Catarina morreu tranquila, aos 67 anos, em seu quarto após o café da manhã.



Catarina, a Grande

MONARCA

1729 – 1796

Rússia

Su



Filha de nobres alemães com bem menos dinheiro do que o título sugeria, a pequena Sofia era ignorada pela mãe, que desejava um filho homem.

Perdida no interior da Pomerânia, nada indicava que algo grande aconteceria para ela. Tudo mudou com uma carta vinda da Rússia: uma proposta de noivado com o futuro imperador, por sugestão da imperatriz Elizabeth. A mãe da jovem e a imperatriz eram amigas de longa data – Elizabeth a considerava parte da família por ter sido noiva de seu irmão, que faleceu antes do casamento.

Sofia chegou em São Petersburgo com 14 anos. Esforçou-se para aprender o idioma e a religião do seu novo país. Certa noite, para dominar mais rápido o russo, ficou estudando até tarde no frio, e contraiu pneumonia. A população ouviu sobre o episódio e passou a admirar a pequena princesa estrangeira. Sofia converteu-se à religião ortodoxa e mudou o nome para Catarina.

O casamento com Pedro 3º veio dois anos depois. Seu marido não nutria sentimentos por ela e nada aconteceu na noite de núpcias – nem nos anos seguintes. Passava por humilhações e privações. Nesse período, começou a colecionar amantes. Só produziu um herdeiro real após nove anos de casamento, mas há dúvidas sobre a paternidade da criança.

Quando Elizabeth morreu, Pedro 3º se tornou imperador. Ele desejava se casar com outra mulher, e deixava isso explícito: em um baile real, retirou a faixa dedicada especialmente a Catarina e deu para sua amante. A gota d'água para ela foi seu marido ameaçar prendê-la. Ela então passou a integrar o grupo que planejava tirá-lo do poder. Catarina deu um golpe de estado e, mesmo sem sangue russo, tornou-se imperatriz com apoio da maioria da população. Meses depois, em circunstâncias misteriosas, Pedro III apareceu morto.

Em seu governo, ganhou o título de “despota esclarecida”, conquistou territórios e modernizou a Rússia. Foi a primeira líder a anexar a Crimeia ao país, aumentou a coleção de artes do palácio, instaurou um sistema melhorado de ensino e criou a primeira escola para mulheres. Chegou até a discutir o fim da servidão dos plebeus do campo. Mas os benefícios aos nobres que não precisavam servir ao exército ou pagar impostos geraram revoltas camponesas – reprimidas militarmente.

Sobre sua vida pessoal, há uma certeza: amava sexo. Colecionava objetos eróticos e amantes. Quando enjoava, livrava-se deles – mas os deixava com uma pensão de agradecimento. Um dos homens chegou a tornar-se rei da Polônia. Teve mais três filhos, e devido a sua agitada vida amorosa, é difícil determinar suas paternidades.

GRANDE

Su



Rainha Vitória

MONARCA

1819 – 1901

Grã-Bretanha



"O sol nunca se põe no Império Britânico" virou um ditado comum no século 19. Em seu auge, o poder vindo de Londres se estendia sobre áreas tão distantes (e diferentes) como o Canadá, a Austrália, o Sudão ou a Índia.

Governando quase 420 milhões de pessoas espalhadas em protetorados e colônias em todos os continentes, os britânicos chegariam às vésperas da 1ª Guerra (1914-1918) controlando um quarto da população e das terras do mundo – e a maior parte dessa incrível expansão se deu com uma mulher no trono.

Vitória não foi a primeira rainha britânica e, desde 2015, quando foi superada em duração por Elizabeth 2ª, também deixou de ter o reinado mais longo de seu país. Ainda assim, poucos monarcas foram tão influentes como Vitória, a mulher mais poderosa do século

19, que deixou marcas ainda presentes na política e na cultura. Foi ela, por exemplo, que iniciou a tradição de se casar usando branco, em uma época em que a maioria das noivas preferia vestidos coloridos. Na cerimônia, ela ainda exigiu que nenhuma convidada utilizasse a sua cor, para não roubar o seu destaque. A moda logo pegou no resto do mundo.

O amor entre Vitória e seu príncipe-consorte, Albert, foi avassalador – e raro em um período de casamentos arranjados. Em 20 anos, tiveram nove filhos. Quando Albert morreu em 1861, Vitória passou a vestir roupas pretas pelos 40 anos seguintes, até sua própria morte.

Mas sua importância foi muito além desse legado cotidiano. Ocupando o trono por quase 64 anos, ela foi o símbolo de uma modernização. Embora o poder real já estivesse reduzido no Reino Unido, com o Parlamento

ditando a maior parte das ações desde 1688, foi Vitória que aprofundou um novo estilo de monarquia constitucional: com uma postura discreta, ela fortaleceu a ideia de que uma rainha (ou rei) deveria estar sempre acima das picuinhas dos partidos – o que nunca a impediu de atuar nos bastidores, onde defendeu posturas conservadoras e ajudou a estabelecer acordos de paz nas guerras europeias dos anos 1870.

Falecida em 1901, a rainha não viveu para ver seus descendentes diretos lutando na 1ª Guerra: seu neto, o rei britânico George 5º, era primo do czar Nicolau 2º, da Rússia, e do kaiser Guilherme 2º, da Alemanha. Um dos conflitos mais sangrentos já vistos começou, em parte, como uma briga familiar – e vovó Vitória não estava mais lá para acalmar os ânimos. Em menos de 15 anos, o Império Britânico começou a perecer.



DOENÇA DOS REIS

Vitória não transferiu só nobreza aos descendentes, mas também o gene da hemofilia, doença que prejudica a coagulação do sangue. Como as famílias reais europeias casavam entre si com frequência, a doença ganhou fama no início do século 20, reduzindo a expectativa de vida de vários herdeiros aos diferentes tronos do continente.



Rainha Jinga

MONARCA

1581 – 1663

Angola

Passado meio século de guerra, o reino do Ndongo, na atual Angola, estava prestes a ruir: Portugal vinha atacando seu território desde 1575, buscando alimentar o comércio de escravos.

Então, o rei pediu à sua irmã Jinga Mbande que chefiasse uma delegação para negociar um tratado de paz em 1622.

Pronto para ouvir as súplicas, o governador João Correia de Sousa aguardava em uma poltrona aveludada, certo de que a princesa sentaria no tapete colocado à sua frente. Mas a nobre africana não se curvou. Imediatamente, dirigiu o olhar para uma de suas servas, que simulou uma cadeira humana com as mãos e os joelhos apoiados no chão. Agora, ambos estavam na mesma

A PREFERIDA DO PAI

Seu irmão, herdeiro do trono, morria de inveja: matou o filho dela e depois mandou esterilizá-la. Na primavera de 1624, o irmão maldoso morreu (misteriosamente) envenenado e Jinga virou a primeira rainha da região.

altura. Jinga permaneceu por várias horas nas costas da jovem, argumentando em um eloquente português que lhe fora ensinado por missionários. A cena impressionou os lusitanos e ajudou a obter termos favoráveis aos nativos. Seria a primeira grande cartada de Jinga para se tornar a mais respeitável soberana da região.

Após tirar o próprio irmão da jogada, reinou por quatro décadas. Seu temido exército era formado por adolescentes altamente treinados e uma rede de espionas. Assumiu diversos nomes e credos por estratégia política – inclusive “Ana de Sousa”, depois de ser batizada na fé católica. Teve vários maridos e concubinos, e exigia que usassem as mesmas roupas de suas guarda-costas femininas. A luta anticolonialista de Jinga foi resgatada nos anos 1960 e 1970 pelos movimentos de independência da Angola, que fizeram dela uma heroína nacional.

Su

Por mais de 40 anos após a morte de Maomé, o profeta do islamismo, foi uma mulher quem ajudou a levar suas palavras cada vez mais longe: Aisha, a quem ele costumava recorrer em vida, quando precisava tomar decisões importantes.

Ela havia sido a terceira de suas 13 esposas, e também a favorita – em geral, Maomé se casava com viúvas de seus seguidores próximos, para garantir o sustento delas. Com Aisha, porém, a conexão foi mais forte, e se refletiu na difusão da religião.

Após a viuvez, ela não se casou mais, e dedicou o restante da vida a promover o Islã: foi conselheira de Abubacar



Aisha

GUERREIRA

c. 613 – 678

Arábia Saudita

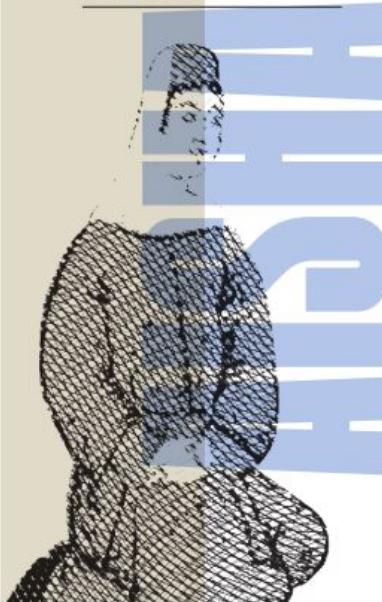
(seu pai), o primeiro califa a governar após a morte de Maomé, e de seu sucessor, Omar. A mais proeminente mulher do mundo árabe em seu tempo, ela também fez oposição àqueles que considerava inadequados para a fé: em uma das guerras de sucessão, chegou a pegar em armas, ocupou uma cidade e mandou executar mais de 600 homens.

Aisha acabaria derrotada na chamada Batalha do Camelo, no ano 656, e faria uma mudança definitiva: levaria adiante os ensinamentos de Maomé não mais pela força, mas por meio da educação. Ela passou a dar aulas de caligrafia e história e também ensinou a recitar o Corão, que sabia de memória. Dedicava-se especialmente às mulheres, mas atendia a todos: com o tempo, ganhou a alcunha de mãe dos crentes. Hoje, com quase 2 bilhões de seguidores, a fé propagada por Aisha é a segunda maior do planeta, logo atrás do cristianismo – e a que mais cresce.



NEM TÃO UNÂ-MIME ASSIM

Embora a tradição sunita tenha Aisha em alta estima, muitos xiitas a veem de forma negativa. Acusam a esposa de Maomé de ter semead o dissenso entre os muçulmanos.



Su



Joana D'Arc

GUERREIRA

1412 – 1431

França

D'ARC

A trágica história de Joana D'Arc começa com uma criança pobre e analfabeta no interior da França do século 15, continua com ela se tornando heroína de guerra ainda na adolescência, desemboca em uma morte precoce, queimada na fogueira pela Inquisição...

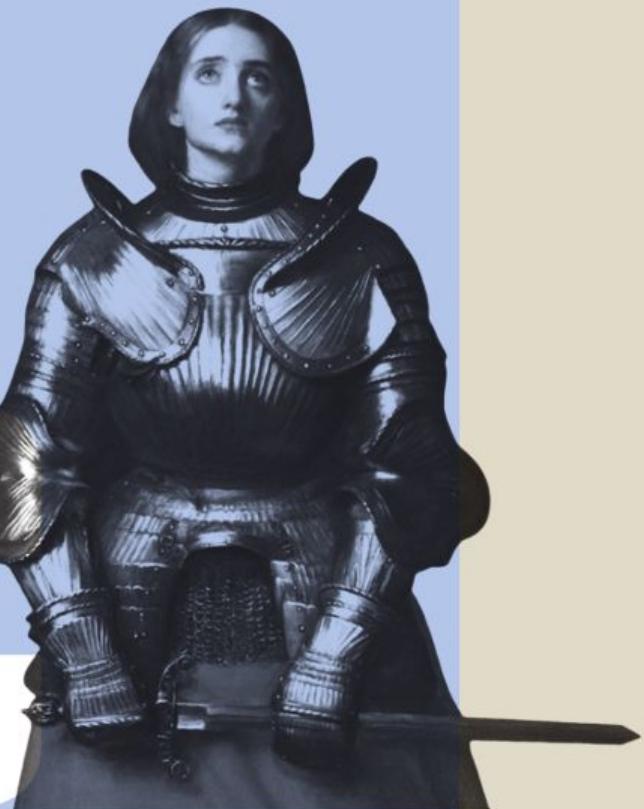
e, mais tarde, culmina com ela sendo recuperada pela própria Igreja que a condenou: séculos após a morte, até santa ela virou.

Nascida no vilarejo de Domrémy, Joana D'Arc não sabia ler nem escrever, mas teve uma formação católica dada pela sua mãe. Assim, quando disse ter ouvido vozes pela primeira vez, aos 13 anos, não teve qualquer dúvida: tratava-se de emissários de Deus, mais exatamente o anjo São Miguel e as santas Margarida de Antioquia e Catarina de Alexandria – e o trio vinha com uma missão.

A ordem era salvar a França

de seus invasores, colocando o “verdadeiro rei” no trono. O país estava então mergulhado em um interminável conflito com a Inglaterra, que ficaria conhecido como a Guerra dos Cem Anos (1337-1453): uma longa briga pela sucessão à coroa francesa, cujo capítulo mais recente havia sido um tratado de 1420 que considerava o inglês Henrique 5º como senhor também da França, ignorando o pleito de Carlos 7º, o francês pretendente ao trono.

Isso não caiu bem entre os moradores do norte da França, incluindo os de Domrémy, muitos dos quais seguiram leais a Carlos. Supostamente guiada pelos céus, Joana se dirigiu ao próprio rei e pediu um regimento militar. Garantia a Carlos que o veria coroado em breve e, contra todos os conselhos, o monarca decidiu pagar para ver: Joana D'Arc foi integrada ao exército e recebeu os soldados que pediu.



Ela venceria o cerco de Orléans em julho de 1429, apenas nove dias após chegar à cidade, abrindo caminho para o triunfo final das tropas leais a Carlos. Duas décadas e meia mais tarde, os franceses acabariam vencendo a longa guerra, expulsando os britânicos e garantindo que nunca mais um inglês dominasse o país.

Joana D'Arc, porém, não viveu para ver tudo isso. Meses após a coroação de Carlos 7º, foi capturada por tropas inimigas e entregue a Pierre Cauchon, um bispo amigo dos ingleses. Acusada de heresia, mas na realidade julgada por razões políticas, foi condenada. Seria queimada pela Inquisição aos 19 anos e esse poderia ser seu triste final. Mas, em 1456, um julgamento post mortem virou o jogo de vez: Joana D'Arc foi reconhecida como mártir da fé católica e redimida para sempre. No século 20, 500 anos após sua morte, também seria canonizada.



OUTRA IDENTIDADE?

Há teorias que Joana era filha bastarda da rainha Isabel da Baviera e do duque Luís de Orleans, irmão de Carlos 6º. Também suspeitava-se que ela fugiu da fogueira e assumiu sua identidade como Claude des Armoises, uma aventureira do século 15.



AS OUTRAS MANUELAS

O Equador teve outras duas xarás revolucionárias: a Manuela Cañizares, figura importante na independência do país, e Manuela Sáenz, que lutou pela libertação das Américas, ao lado de Simon Bolívar.



Manuela León

GUERREIRA

1840 – 1872

Equador

Manuela León nasceu, cresceu e morreu na vila de Punín, região central do Equador.

Indígena de origem Puruhá, aturou por 30 anos os abusos contra seu povo: eram obrigados a trabalhar de graça na construção de estradas pelo país, tinham que dar 10% de sua produção para os coletores de dízimo – fora as extorsões –, e as mulheres ainda sofriam estupros de milicianos.

Em dezembro de 1871, Manuela se uniu aos indígenas rebeldes e comandou a tomada de seu vilarejo. Cravou sua lança no peito de um tenente, arrancou os olhos dele e mandou sua tropa

atear fogo nas casas dos brancos. A cena assustou o governo, que reagiu decretando estado de sítio em toda a província de Chimborazo e repri-miu a rebelião com força máxima. Aos poucos, os 10 mil soldados indíge-nas viraram desertores, e Manuela foi capturada pelos inimigos.

Cerca de 200 mem-bros da comunidade assistiram à execução de sua líder guerreira em praça pública. Manuela León foi amarrada a um pelourinho e fuzilada pelas forças do presidente equatoriano Gabriel García Moreno. Nas atas oficiais, os car-rascos acharam melhor chamá-la de “Manuel”. Mas a história oral dos nativos não deixou que apagasse seu nome. Manuela virou exemplo de resistência dos povos originais das Américas, humilhados mesmo após as independências nacionais da região. Em 2010, ela foi declarada heroína do Equador pelo Congresso do país.

Su

Aos 14 anos, a catari-nense Anita Maria de Jesus Ribeiro parecia ter seu destino traçado: casada com um sapateiro, não deveria ter uma história de vida muito diferente da de tantas mulheres de seu tempo – casar, ter filhos, ficar em casa costurando.

Às vésperas de fazer 18, porém, libertou-se radicalmente das con-vênções da época: em julho de 1839, conheceu o revolucionário italiano Giuseppe Garibaldi e largou tudo para seguir os ideais do amado.

O casal lutou ao lado dos farroupilhas, os rebeldes gaúchos que,



Anita Garibaldi

GUERREIRA

1821 – 1849

Brasil



em 1836, fundaram uma república independente no Sul. Na batalha naval de Laguna, ela usou um pequeno barco para transportar munição em meio ao fogo cruzado. Em Curitibanos, caiu prisoneira, mas conseguiu escapar e reencontrou Giuseppe. Meses depois, em Mostardas, teve de fugir de uma tropa imperial com o filho de apenas 12 dias no colo.

Juntos, Anita e Gi-useppe seguiriam lutando pelas causas que julga-vam justas: em 1841, combateram ao lado dos uruguaios contra a invasão argentina. Em 1848, viajariam à Itália e se tornariam heróis da reunificação do país, recebendo estátuas dos dois lados do Atlântico. Ela acabaria conhecida como a “Heroína de Dois Mundos” – título tam-bém dado ao marido.

Anita faleceria jovem, encerrando aos 27 anos uma vida intensa que tomou rumos impensáveis algum tempo antes. Grávida do quinto filho, ela fugia das tropas austríacas que tentavam tomar Roma e derrotar a causa dos Garibaldi. Morreu livre.



NO LIVRO DAS HEROÍNAS

Desde 2012, Anita faz parte do *Livro dos Heróis e Heroínas da Pátria*, memorial que honra os grandes nomes do Brasil.

Su



Maria Quitéria

MILITAR

1792 – 1853

Brasil

Quando soube que o soldado Medeiros era, na verdade, uma mulher, seu comandante ficou indignado. Mas deu o braço a torcer: era uma combatente importante demais para se abrir mão.

Mulheres não podiam se alistar no Brasil, mas para Maria Quitéria foi feita uma exceção, incentivando outras a pegar em armas como ela.

Maria Quitéria tinha 30 anos quando deixou a casa do pai para se tornar a primeira militar mulher do Brasil. Queria defender a independência proclamada em 7 de setembro de 1822. A conquista de

autonomia em relação a Portugal encontrou oposição na metrópole e rendeu uma série de batalhas pelo Brasil.

Buscando manter as mãos em cidades estratégicas, os lusitanos assumiram o comando de Salvador, ex-capital da Colônia. No interior a resistência era mais forte – e Feira de Santana, terra natal de Maria Quitéria, foi uma das cidades mais aguerridas.

Ouvindo que as tropas precisavam de homens, ela decidiu que também podiam contar com uma mulher: pegou a farda do cunhado, encurtou o cabelo e se uniu ao regimento de artilharia. Sem medo, participou de algumas das principais batalhas e liderou campanhas para capturar reféns.

Maria Quitéria ganharia o epíteto de heroína da Independência e foi condecorada pelo imperador Dom Pedro 1º, que também assinou uma carta ao pai dela, pedindo que perdoasse a filha pela fuga de casa. Em 1996, foi declarada patrona do Quadro Complementar de Oficiais do Exército Brasileiro. Hoje, seu retrato pode ser visto em todos os estabelecimentos militares do País.

Imagens: divulgação, Getty Images

Guaibimpará conheceu o naufrágio português Diogo Álvares em 1510, quando ele estava prestes a ser morto pelos nativos.

Filha de um influente cacique tupinambá, a menina de 7 anos intercedeu pela vida do europeu, apelidado pelos indígenas de Caramuru ("homem de fogo"). O forasteiro acabou aceito pela tribo e adotou a tradição poligâmica. Uma das companheiras foi justamente sua salvadora.

Em 1528, o casal cruzou o Atlântico rumo à França, onde ela foi batizada e recebeu o nome de Catarina do Brasil. Álvares era parceiro de franceses contrabandistas de pau-brasil.

De volta a Paraguaçu, atual território baiano, Catarina promoveu matrimônios entre nativas e brancos – o que evitava que seu povo fosse ainda mais dizimado, embora facilitasse a dominação cultural. Quando Álvares foi aprisionado por rivais portugueses, ela liderou tropas para resgatá-lo. Patrocinou a construção da Igreja e Abadia de Nossa Senhora da Graça, em Salvador. Catarina de Paraguaçu entrou para a história como a "mãe do Brasil", a figura feminina mais antiga da nação e a primeira brasileira a ter influência política após o "descobrimento".

Pelo menos, essa é a versão oficial – que sempre tratou melhor indígenas que abriram mão de seus costumes. As outras, dependentes da tradição oral indígena, foram apagadas pela cruz e esquecidas pelo tempo.



POCAHONTAS DO BRASIL

Embora tenham infâncias parecidíssimas, Catarina nasceu quase um século antes da nativa americana que inspirou filme da Disney.





"BEM-AVENTURADOS OS QUE TÊM SEDE DE JUSTIÇA"

Na manhã de 12 de fevereiro de 2005, Dorothy Stang caminhava com a Bíblia embaixo do braço quando foi abordada por seus assassinos. Ela os encarou e recitou as bem-aventuranças antes de tomar com seis tiros. O mandante do seu assassinato voltou a ser preso em 2019, depois de idas e vindas do regime fechado.



Dorothy Stang

ATIVISMO

1931 – 2005

Brasil

A norte-americana Dorothy Stang chegou à Amazônia brasileira em 1966 como missionária da Congregação Irmãs de Notre-Dame de Namur.

Desembarcou no Maranhão e depois migrou para Anapu, no sudeste do Pará, Estado que mais desmata no Brasil. Na época, era comum que freiras e padres das alas progressistas da Igreja migrassem rumo a países menos desenvolvidos para ajudar pobres a lutar pelos seus direitos.

O Brasil se encontrava em plena ditadura e começava a tomar forma o projeto dos militares de povoar a Amazônia, cujo lema era “Integrar para não entregar” – já se sabia do enorme potencial econômico da floresta e da cobiça estrangeira. Para dar cabo da proposta, o governo concedeu terras a fazendeiros e empresários de outros Estados dispostos a “desenvolver” a região. Sem controle algum, teve início uma ocupação predatória, que incentivou o desmatamento e o garimpo.

Dorothy, ou Doti como era chamada, inquietava-se com a destruição da floresta de um lado, e a miséria dos povos nativos de outro. Na época – como agora –, havia um discurso recorrente: não era possível desenvolver a

Amazônia sem grandes obras, já que o povo precisa de emprego. Doti achava isso um equívoco: havia sim modos de gerar renda sem derrubar a floresta. Dedicou sua vida a provar que isso era possível.

Organizou trabalhadores e gestou uma nova proposta de reforma agrária de cunho ambiental. Seu carisma ajudou a articular forças ao redor do seu projeto, batizado de Projeto de Desenvolvimento Sustentável, os PDS, e a convencer o governo a destinar grandes áreas ao projeto.

Ela era incansável. Atravessava os grotões amazônicos em motos para se reunir com camponeiros, e depois enfrentava 600 km de Anapu a Belém do Pará, para se reunir com promotores e diretores do Incra, o órgão agrário do Brasil. Sua semente vingou: ela conseguiu a concessão de duas áreas que somam 60 mil hectares no Pará para assentar colonos com compromisso de conservar a floresta. Mas entrou em rota de colisão com grileiros. Foi assassinada em fevereiro de 2005. Sua morte gerou uma comoção internacional que fez o governo brasileiro acordar para a necessidade de conter o desmatamento e combater a grilagem. Ainda hoje os PDS criados por ela resistem no coração da Amazônia.

Su



STANG

Su



Rigoberta Menchú

1959

ATIVISMO

Guatemala



A história de Rigoberta Menchú começou a ser conhecida pelo resto do mundo nos anos 1980, após ela fugir da perseguição em seu país natal e se asilar no México.

Publicada em inglês alguns anos mais tarde, sua autobiografia revelou uma trajetória de dor, pobreza, sofrimento e lutas – que era, também, a história de seu próprio povo, os indígenas maias que ainda restavam na América Central.

Na Guatemala, eles ainda são uma das etnias mais representativas do país, e cerca de 40% da população tem alguma ascendência maia. Mas, nos anos em que Rigoberta estava crescendo, eles não eram apenas marginalizados por conta de um longo preconceito herdado dos tempos coloniais: também se tornaram alvo de perseguição política. O país vivia então uma longa guerra civil, que se estendeu dos anos 1960 até 1996, e o governo

acreditava que os povos indígenas apoavam – sem exceção – as guerrilhas rurais que ganhavam força no interior guatemalteco. Na prática, o discurso de combater os movimentos armados em nome da segurança nacional serviu também para promover a limpeza étnica e o branqueamento do país.

Durante os conflitos, Rigoberta viu seus familiares pegarem em armas para resistir à violência do governo militar. Ela perdeu a mãe, o pai, um irmão e um primo nas mãos da repressão, todos eles se tornando números a mais na lista de vítimas do chamado “holocausto silencioso” da população maia. Diante da indiferença do resto do mundo, algumas estimativas falam em mais de 160 mil indígenas mortos durante o período mais intenso do genocídio, entre 1981 e 1983.

Optando por uma resistência pacífica aos horrores que testemunhou, Rigoberta Menchú fugiu para não engrossar as valas comuns de seu país. Nas décadas

seguintes, ela se tornaria uma pedra no sapato do governo, liderando manifestações, trazendo novas denúncias à imprensa estrangeira e organizando coletivos de ajuda mútua. Em 1992, ela ganhou o Nobel da Paz, usando o dinheiro do prêmio para criar uma fundação pelos direitos de indígenas e mulheres na Guatemala.

“Eu acordava todos os dias e me perguntava: ‘o que vou fazer para incomodá-los (o governo) hoje?’”, recordou. Seu ativismo ajudou a atrair os olhos do mundo para a causa do povo maia, pressionando por políticas de reparação após o fim da guerra civil. Ainda hoje, lembra o mundo (e o próprio país) que os povos pré-colombianos ainda vivem no continente, e seguem tendo direitos ignorados pelos poderosos: “nós não somos vítimas do passado, ruínas na floresta ou em zoológicos. Somos pessoas que querem ser respeitadas, e não vítimas de intolerância ou racismo”.



E ASSIM NASCEU MINHA CONSCIÊNCIA

O livro *Meu Nome é Rigoberta Menchú - e assim nasceu minha consciência*, que tornou sua história famosa, escrito pela jornalista Elizabeth Burgos, foi lançado no Brasil em 1993 e está atualmente esgotado. Raridade nos sebos, custa em torno de R\$ 200.



A OUTRA MALALA

A Malalai folclórica nasceu em Maiwand, no sul do Afeganistão. Quando tinha 17 anos, foi cuidar dos feridos na guerra contra a ocupação britânica. Ao perceber que estavam perdendo, ela ergueu um véu branco no ar e marchou diante das tropas, encorajando os guerreiros a seguir na luta. Malalai foi morta pelos britânicos em 1880, mas suas palavras e sua coragem inspiraram os afegãos a virar a batalha.



Malala Yousafzai

ATIVISMO

1997

Paquistão

Su



Era difícil crescer como uma jovem pashtun no Vale do Swat, ao norte do Paquistão. Ainda mais quando o Talibã começou a intimidar qualquer um – e qualquer uma – que contrariasse suas rígidas regras morais.

Mulheres não podiam estudar e ponto. Mas uma garota paquistanesa estava determinada a romper a censura: seu nome era Malala, o mesmo de uma lendária guerreira afegã.

Praticamente criada na escola do pai, professor e ativista da região, a menina circulava pelas salas de aula antes de saber falar. Aos 7 anos, já era uma aluna brilhante que ajudava os colegas com as tarefas. Não fazia o tipo introvertida, tinha uma oratória invejável e, ao contrário do costume local, dispensava o véu no rosto. Aos 11 anos, virou fonte de um jornalista da BBC, a quem contava sobre as escolas destruídas, os ataques de homens-bomba e as proibições dos talibãs. Seus relatos foram transformados em um blog assinado sob o pseudônimo de “Gul Makai” em 2009. Mas suas denúncias anônimas não davam suficiente repercussão, e Malala decidiu falar diante das câmeras para pressionar as autoridades. “Não é só por mim, mas por todas as mulheres que lutam pelos seus

direitos e têm o desejo de estudar”, disse em uma coletiva de imprensa. O grupo terrorista achou que ela tinha ido longe demais.

Em 9 de outubro de 2012, a estudante voltava para casa quando dois sujeitos pararam seu ônibus escolar. “Qual de vocês é Malala?”, perguntou um deles. Ao reconhecer a única aluna com a face à mostra, o homem deu três tiros. A primeira bala entrou perto do olho esquerdo dela e as outras atingiram os braços de duas colegas. Como o estado de Malala era crítico, teve que ser levada de helicóptero para um hospital militar, onde passou por uma cirurgia no crânio. Depois, foi transferida para uma clínica no Reino Unido. As três garotas sobreviveram.

Desde o ataque, Malala percorre o globo promovendo os direitos das mulheres, discutindo assuntos geopolíticos com chefes de estado e defendendo a educação das crianças. Seu livro autobiográfico *Eu sou Malala* (2013) vendeu milhões de cópias ao redor do mundo. Aos 17 anos, ela se tornou a pessoa mais jovem da história a receber o Nobel da Paz, concedido em 2014. Paquistaneses mais conservadores diziam que ela era apenas uma menina que não sabia de nada. Hoje ela tem 22 e estuda filosofia, política e economia na Universidade de Oxford, na Inglaterra.

YOUSAFZAI

Su



Leolinda Daltro

ATIVISMO

1859 – 1935

Brasil

DALTDO

A primeira Constituição republicana do Brasil, de 1891, tinha uma ambiguidade que deixou muitas mulheres esperançosas: após décadas de voto restrito a homens ricos (o chamado voto censitário), o novo texto não deixava claro que participar das eleições era exclusividade deles.

A Carta lavava as mãos para a questão – simplesmente dizia que os eleitores aptos eram os maiores de 21 anos. E ponto.

Na prática, porém, o texto apenas empurrava o problema com a barriga: coube aos deputados e senadores escrever uma lei eleitoral mais clara e, quando chegou a hora de complementar as regras, os homens mantiveram todo o poder. Quando a professora Leolinda Daltro percebeu que o tema seria logo varrido para baixo do tapete, decidiu que o único caminho era agir de forma enfática. Convenceu suas alunas

a segui-la, pintou faixas e cartazes, e marchou pelas ruas pelo voto feminino.

Uma versão brasileira das suffragettes que vinham fazendo barulho no mundo anglófono, Leolinda nasceu na Bahia, mas já vivia no Rio quando começou sua atuação política mais famosa – antes de militar pelos direitos das mulheres, ela já havia se destacado no ativismo defendendo que indígenas recebessem uma educação laica. Em 1910, para pressionar ainda mais pela causa sufragista, Leolinda fundou e liderou o Partido Republicano Feminino, uma organização considerada clandestina na época.

A luta de Leolinda inspirou outras mulheres a enfrentar as leis da época, como a bióloga paulista Bertha Lutz, que organizou o primeiro congresso feminista do Brasil, e a professora potiguar Celina Guimarães Viana, que em 1927 se tornou a primeira mulher a se registrar

para votar, aproveitando uma nova lei estadual no Rio Grande do Norte – seu voto, porém, seria posteriormente anulado pelo Senado, que seguia sem aceitar a igualdade de homens e mulheres perante a lei. O voto feminino só viria a ser autorizado no Brasil cinco anos depois. Já nas primeiras eleições com participações de mulheres, em 1933, Leolinda Daltro se lançou candidata a deputada federal para a nova Assembleia Constituinte de Getúlio Vargas. Em seu santinho, anuncjava a quem ainda não a conhecia: “a sua campanha feminista precedeu à de todas as senhoras que se apresentam como leaders do feminismo”.

Leolinda não chegou a ser eleita, e faleceu pouco depois, mas sua semente tinha rendido frutos: naquela mesma votação, a médica paulista Carlota Pereira de Queirós tornou-se a primeira mulher brasileira a ingressar na Câmara.



ACIDENTES

Leolinda, que tanto quis modernizar a política no Brasil, sofreu com outro tipo de modernidade: os automóveis que começavam a povoar as ruas do Rio. Foi atropelada duas vezes, em 1930 e 1935. Na última, o choque foi fatal.





LUTA QUE INSPIROU

A ARTE

A prisão de Angela Davis gerou comoção internacional. Comitês em 67 países arrecadaram fundos pela libertação da ativista, também apoiada por grandes artistas. John Lennon e Yoko Ono lançaram "Angela", e os Rolling Stones, a canção "Sweet Black Angel", ambas protestos contra a detenção.



Angela Davis

ATIVISMO

1944

EUA

Su



Em 1963, a Ku Klux Klan explodiu uma igreja em Birmingham, Alabama.

No atentado, quatro meninas entre 11 e 14 anos morreram e 22 pessoas se feriram – todos negros. Nascida na cidade, Angela Davis conhecia as garotas mortas. Havia crescido perto da mesma igreja, em um subúrbio “de cor” onde a KKK costumava jogar bombas nas casas, para intimidar os moradores. Não à toa chamavam seu bairro de Dynamite Hill.

Filha de pais militantes pelos direitos dos negros, Davis nasceu em um EUA que permitia por lei a segregação racial. Inconformada, desde adolescente esteve em protestos e organizou grupos de estudos, sendo várias vezes presa pela polícia. Como queria ir à universidade, precisou se mudar para o norte do país.

Lá, a pensadora negra se aprofundou em filosofia e língua francesa. Suas boas notas logo lhe renderam bolsas de estudo pela Europa, em faculdades de Paris, Frankfurt e Berlim. De volta aos EUA, prestigiada e doutora, Davis se tornou professora universitária na Califórnia, aos 25 anos. Porém, um ano após assumir o cargo, foi demitida por ser filiada ao Partido Comunista.

Impedida de lecionar, resolveu se dedicar totalmente à militância,

sobretudo contra o racismo do sistema prisional americano. Começou a acompanhar como o judiciário do país julgava acusados negros, e logo a opressão racial desse sistema se voltou contra ela.

Em 1970, integrantes dos Panteras Negras, movimento que defendia a resistência armada contra a opressão de negros, entraram armados em um tribunal que julgava um caso considerado injusto pelo movimento. A operação deu errado, com juízes e jurados sendo mortos, e o FBI quis usar o desastre para perseguir Angela. Mesmo sem provas sólidas, acusaram a ativista de ser cúmplice da ação e a prenderam – o que rendeu um grande movimento pela libertação da filósofa, inocentada e solta em 1972.

Além de incansável militante, Angela também é reconhecida como uma das principais teóricas do feminismo interseccional, que analisa a sociedade capitalista como uma estrutura que cruza opressões de raça, classe e gênero. Ironicamente, a prisão de Angela pelo FBI ocorreu antes da dos terroristas que explodiram a igreja de sua cidade, em 1963. Só após o movimento negro sacudir a hipocrisia da época que os responsáveis pela explosão em Birmingham seriam condenados. O primeiro em 1977 e o último dos acusados somente em 2002 – todos brancos.

DAVIS



Su



Rosa Parks

ATIVISMO

1913 – 2005

EUA

PARKS

Em 1943, após pagar a sua passagem para tomar um ônibus, a costureira Rosa Parks ouviu uma ordem indigesta: devia descer e entrar pela porta dos fundos, dirigindo-se ao lugar dedicado aos negros.

Como estava na lei e ela não podia se atrasar, decidiu seguir a norma – mas, antes que pudesse entrar novamente, o motorista arrancou a toda velocidade e a deixou a pé.

Rosa Parks entraria na história graças a sua resistência às leis segregacionistas justamente dentro de um ônibus, mas não naquele dia. Na ocasião, tudo o que restou foi a indignação, e um par de decisões: ao ser abandonada na parada, ela prometeu nunca mais entrar num ônibus dirigido por aquele motorista, e também que passaria a se esforçar cada vez mais para nenhum negro ser humilhado daquela forma no

futuro. No fim daquele mesmo ano, Rosa entrou na NAACP, a Associação Nacional pelo Avanço das Pessoas de Cor, e logo virou secretária da organização.

Na década seguinte, ela se tornaria uma ativa defensora do fim das leis Jim Crow, que garantiam direitos (e espaços) muito diferentes para brancos e negros no sul dos EUA. Ela vivia em Montgomery, no Alabama, um dos epicentros da segregação. Mas o momento definitivo da sua militância aconteceria 12 anos depois, em um ônibus dirigido pelo mesmo motorista que ela havia jurado evitar – e no qual acabou entrando sem se dar conta.

Era 1º de dezembro de 1955, e Rosa Parks já estava sentada nos lugares destinados às pessoas “de cor”. Mas, algumas paradas depois, o veículo lotou. A lei da época exigia que, nesses casos, os negros deveriam ficar em pé, cedendo lugar aos brancos. Todos os outros presentes

se conformaram. Rosa, não. Ficou sentada. Sua resistência rendeu voz de prisão na hora: pela antiquada legislação do Alabama, motoristas de ônibus ganhavam poder de polícia caso vissem “crimes” acontecendo dentro dos carros que dirigiam.

O caso repercutiu no país inteiro e a transformou em um símbolo da luta por igualdade. Os negros de Montgomery boicotaram o transporte coletivo, caminhando de um lugar a outro enquanto a lei não caísse, e levando o sistema ao colapso. Um pastor até então pouco conhecido se solidarizou com a causa: Martin Luther King Jr.

Não era apenas por lugares nos ônibus. Negros eram impedidos de usar os mesmos bebê-douros que brancos e também não podiam votar. Embora a luta contra o racismo persista até hoje, a última lei abertamente segregacionista dos EUA cairia em 1965, dez anos após Rosa Parks se recusar a ficar em pé.



PIONEIRA ESQUECIDA

Nove meses antes de Rosa, uma jovem estudante chamada Claudette Colvin tinha sido presa em Montgomery pelas mesmas razões. Mas, grávida solteira aos 15 anos, temia-se que isso fosse utilizado pelos racistas para desviar o foco. Seu caso recebeu menos repercussão. Rosa, à época uma senhora de 42 anos ligada à militância, tornou-se um símbolo mais seguro.

**DUAS
GERAÇÕES****DE LUTA**

Além das Mães, outra organização de mulheres surgida na ditadura argentina reúne as chamadas Avós da Praça de Maio. Dedicadas a reencontrar bebês nascidos de presas políticas e adotados ilegalmente por apoiadores do regime, elas já identificaram 130 netos.

**Azucena Villaflor****ATIVISMO**

1924 – 1977

Argentina

Após meses buscando seus filhos desaparecidos, sem sucesso, um grupo de mulheres argentinas decidiu reclamar diretamente ao governo.

Era um ato de coragem: o país vivia sob uma das ditaduras mais violentas da América Latina, e qualquer questionamento podia ser punido com a morte. Estima-se em mais de 40 mil as vítimas do regime militar do país hermano. Azucena Villaflor, uma telefonista ligada ao movimento sindical, seria uma das mães – e também uma das vítimas.

Como as manifestantes eram senhoras de meia-idade, os soldados em frente ao palácio presidencial reagiram, de início, com menos brutalidade que o normal. Disseram que aglomerações não eram permitidas e que elas deveriam “ircular”. E foi o que fizeram: a partir daquele dia (e ainda hoje) elas se reuniram todas às quintas-feiras na Praça de Maio, em frente ao palácio de governo em Buenos Aires, pedindo justiça para os seus filhos desaparecidos. Logo, ficaram conhecidas como as Mães da Praça de Maio.

O movimento, pacífico, tornou-se um incômodo constante aos militares. No coração da capital argentina, as mães expunham ao mundo uma realidade que os poderosos preferiam ocultar: os desaparecidos não eram necessariamente guerrilheiros diabólicos que queriam destruir o país, como dizia a propaganda

oficial – eram maridos, pais, filhos, e seu sumiço não seria aceito em silêncio.

Conforme as manifestações cresciam, também a violência repressiva ganhava força. Azucena era uma das fundadoras do movimento, que ajudou a iniciar após a prisão de seu filho, Néstor, e da namorada dele. Transformada em alvo, foi sequestrada por um grupo paramilitar ligado à Marinha, em 10 de dezembro de 1977, justamente a data consagrada como o Dia Internacional dos Direitos Humanos.

Aprisionada e torturada, Azucena foi assassinada – acredita-se que tenha sido vítima dos chamados “voos da morte”, em que prisioneiros eram jogados no mar a partir de helicópteros e aviões, aparecendo “afogados” nas praias. Enterrada sem identificação, Azucena se tornou ela própria uma desaparecida política. Seus restos mortais seriam localizados em 2005.

Mesmo com as várias tentativas de intimidação, as mães inspiradas por Azucena e outras pioneiras seguiram lutando por justiça e reparação. Aquelas senhoras enlutadas que, sem armas na mão, tentavam derrubar um regime sanguinário, se tornaram o símbolo mais poderoso contra os generais. Hoje, Azucena Villaflor dá nome a escolas e ruas na Argentina. Jorge Rafael Videla, general que mandava no país quando ela foi morta, morreu na prisão em 2013. Cumpria uma pena perpétua.

LAFLO

Su



Zuzu Angel

ATIVISMO

1921 – 1976

Brasil

Su

ANGEI



Estilista consagrada, a mineira Zuleika Angel Jones já havia organizado inúmeros desfiles de moda em sua carreira.

Seus desenhos eram cultuados no Brasil e no exterior e nada indicava que aquele evento seria diferente dos anteriores. Talvez mais importante do que a maioria, pois celebrado no Consulado Brasileiro em Nova York, uma das capitais mundiais da moda, mas ainda assim uma passarela como tantas outras.

Em 13 de setembro de 1971, porém, quando o desfile começou, a vida de Zuzu Angel já havia sido transformada de forma brutal e irreparável. Cinco meses antes, seu filho, Stuart, havia sido capturado pela ditadura brasileira, torturado e estava desaparecido. Stuart Angel estudava economia no Rio de Janeiro e militava no Movimento Revolucionário

8 de Outubro (MR-8), que fazia oposição armada ao regime, e sua mãe jamais pôde enterrá-lo – ou mesmo ter uma confirmação oficial da sua morte.

Nova York então viu um desfile diferente: em uma das peças, a mais marcante, as estampas tradicionais haviam sido substituídas por símbolos da repressão – quepes militares, um jipe, um soldado fardado, um canhão. Ao fim da exibição, Zuzu Angel falou à imprensa internacional e cobrou justiça para o filho. Ela sabia que Stuart provavelmente havia sido assassinado, mas queria poder se despedir dele – direito que lhe foi negado até o fim. Nascida no interior de Minas Gerais, mas vivendo no Rio desde a juventude, Zuleika de Souza Netto virou Angel após seu casamento com o norte-americano Norman Angel Jones, em 1947. Com um estilo que utilizava materiais típicos do vestuário brasileiro, estampas

de papagaios e borboletas, além de pedras e conchas, seu trabalho ganhou repercussão fora do País. Após a morte do filho, utilizou sua fama para denunciar, no exterior, a violência da ditadura brasileira – tornando-se símbolo das mães que choravam no Brasil e se convertendo, ela própria, em um alvo dos militares.

Zuzu Angel morreu aos 54 anos, no que foi chamado pelas fontes oficiais de um “acidente automobilístico”. Uma versão que, já na época, havia sido questionada – pouco antes, ela havia deixado na casa de Chico Buarque uma carta-denúncia: “se eu aparecer morta, por acidente ou outro meio, terá sido obra dos assassinos do meu amado filho”. Após a ditadura, investigações comprovaram as suspeitas: agentes da repressão haviam perseguido seu carro e o jogado para fora da pista, na saída do túnel carioca que hoje leva o nome da estilista.



**LUTO
SEM FIM**

Apenas em 2014 a família obteve informações sobre a morte de Stuart, por meio da Comissão Nacional da Verdade, que investigou os crimes praticados na ditadura. Apesar de um militar contar onde estavam os restos mortais do jovem, o corpo nunca foi encontrado e o sonho de Zuzu de enterrar o filho nunca se realizou.

**LIGUE 180**

Criada na época da implementação da Lei Maria da Penha, a Central de Atendimento à Mulher do governo federal funciona 24 horas recebendo denúncias, por meio do telefone 180, e dando orientações às vítimas. Realiza quase 100 mil atendimentos por ano.

**Maria da Penha****ATIVISMO**

1945

Brasil

Su



A lei, datada de 7 de agosto de 2006, está nos livros como a de número 11.340, mas poucos brasileiros a conhecem dessa forma.

Lei Maria da Penha é como foi batizado o dispositivo legal que criou proteções especiais às vítimas de violência doméstica no País. Antes, esses crimes eram considerados de menor potencial ofensivo e o fato de terem acontecido em ambiente familiar não era considerado agravante.

O nome da lei não é à toa: foi resultado de uma luta de duas décadas da farmacêutica cearense que, após sofrer uma dupla tentativa de feminicídio em 1983, passou a buscar reparação contra o então marido – encontrando, nos tribunais, uma quantidade surpreendente de obstáculos para a punição.

O relacionamento dos dois havia começado nos anos 1970. Maria da Penha estava cursando o mestrado na USP quando conheceu o colombiano Marco Antonio Heredia, também estudante. Os dois se casaram, tiveram três filhas, e voltaram para Fortaleza, a cidade natal dela.

Com o tempo, o marido passou a agir com violência, e Maria da Penha entrou no círculo vicioso experimentado por muitas vítimas: esperando que o companheiro mudasse e temendo o impacto do fim da relação sobre as crianças, silenciou sobre o que sofria.

As agressões que mudaram a

situação quase lhe custaram a vida. Em 1983, Marco Antonio deu um tiro nas suas costas, deixando-a tetraplégica. À polícia, disse que havia sido um assalto. A perícia desmentiu a versão, mas, na época, isso fez pouca diferença: ele seguiu em liberdade, recebendo-a em casa após a alta. Poucos dias depois, tentou matá-la de novo – eletrocutando-a durante o banho.

Ela sobreviveu, separou-se e passou a caminhar pelos labirintos do Judiciário. Descobriu um sistema que fazia o máximo para dificultar a vida das vítimas. O caso só começou a ser julgado oito anos após o primeiro tiro. O ex-marido foi inicialmente sentenciado a 15 anos de prisão, mas a pena foi suspensa. Ele só seria preso em 2002, após o caso ganhar repercussão internacional, mas permaneceria em regime fechado por apenas 16 meses.

Vendo como seu agressor seguia livre, Maria da Penha buscou instâncias internacionais. Em 2001, a Comissão Interamericana de Direitos Humanos responsabilizou o Estado brasileiro pela omissão diante da violência doméstica, um vexame mundial. Ela foi indenizada pelo governo e os esforços pela criação de uma lei específica finalmente dariam resultado.

Hoje, ficou mais fácil denunciar e levar o processo contra violência adiante. Estima-se que, desde 2006, a lei tenha contribuído para salvar mais de 300 mil vidas no Brasil.

DEMPHA



SUFRAGISTAS

Kate Sheppard

ATIVISMO

1847 – 1934

Nova Zelândia

Em novembro de 1893, a Nova Zelândia se tornou o primeiro país do mundo a aceitar o voto feminino, uma decisão revolucionária para a época e que logo inspiraria mulheres de outros lugares a entrar na luta pela democracia.

Kate Sheppard foi uma das pioneiras pela mudança: meses antes, ela havia reunido o maior abaixo-assinado da história de seu país – mais de 32 mil nomes ao longo de 270 metros

+

OH, DEUS!

O sufragismo de Kate começou por sua devocão religiosa. Defendia a proibição do álcool para mulheres, mas não era ouvida. Concluiu que só prestariam atenção nela se pudesse também votar.

de papel, apoiando a causa sufragista.

Ela havia passado a vida escutando que mulheres deveriam cuidar dos maridos e dos filhos, deixando a política para os homens. Mas nunca esmoreceu: viajou ao redor da Nova Zelândia, organizou comícios, pressionou parlamentares e escreveu artigos em jornais.

Nascida na Inglaterra, ela se mudou na juventude para Christchurch, uma das maiores cidades neozelandesas. Iniciou sua militância em 1885 e logo virou uma das vozes mais ouvidas da causa, escrevendo panfletos de grande repercussão.

Mesmo após alcançar o sufrágio universal no país e ver esse direito se espalhar pelo mundo nos anos seguintes, Kate seguiu ativa na luta por direitos. Embora já pudesse votar, as mulheres ainda levariam duas décadas e meia para poder se candidatar a cargos públicos.

Kate viveria o bastante para ver Elizabeth McCombs se tornar a primeira mulher eleita ao Parlamento, na Nova Zelândia.

Su

Com a morte de Jawaharlal Nehru, primeiro-ministro desde a independência do país 17 anos antes, sua filha única, Indira Gandhi, foi escolhida para substituí-lo, em 1966.

Para os colegas de partido, Indira seria popular, por conta do pai, e facilmente manipulável, por ser mulher. Mas após eleita, uma surpresa: Gandhi (sem parentesco com o Mahatma) traiu aliados, centralizou poderes e esmagou minorias.

Carismática em público e autoritária



Indira Gandhi

POLÍTICA

1917 – 1984

Índia



nos bastidores, Indira baseou seu populismo na defesa da maioria hindu. Apoiada pela então União Soviética, implementou medidas socialistas, estatizou bancos, indústrias e aliviou a fome no país. Também venceu uma guerra contra o Paquistão e ganhou o apoio das massas por isso. Contudo, em 1975, a líder foi acusada de fraude eleitoral. Ela então declarou estado de sítio e prendeu adversários para se manter no poder. Dois anos depois, convocou eleições e perdeu, mas voltou ao cargo em 1979, eleita pelo povo em um novo pleito.

A única mulher a liderar a Índia manteve o posto até morrer: em 1984, após mandar invadir um templo Sikh e prender separatistas, levou 25 tiros de seus próprios seguranças, membros dessa minoria religiosa. Como reação ao assassinato, hindus lincharam siques por todo o país, em um dos maiores massacres religiosos da história indiana.

+

CLÃ PODEROSO

Após Indira morrer, seu filho, Rajiv Gandhi, assumiu como primeiro-ministro. Em 1991, também foi assassinado por extremistas tâmeis.

**PAI
PREOCUPADO**

Aos 30 anos, Merkel chegou a viver em um apartamento ocupado ilegalmente. Seu pai comentou: "minha filha, você não chegou muito longe na vida". Ele viveria para ver Merkel no posto mais alto da política alemã.

**Angela Merkel****POLÍTICA**

1954

Alemanha

Se há uma figura feminina sínônimo de poder no século 21, é Angela Merkel.

Com fama de durona, mas sempre democrática, a chanceler germânica chegou a ser chamada de nova “líder do mundo livre” por alguns jornais estrangeiros – um título normalmente atribuído ao presidente dos Estados Unidos.

Merkel, porém, cresceu com pouca democracia: o Muro de Berlim foi erguido quando ela tinha 7 anos, e a pequena Angela passou toda a juventude no que então era a Alemanha Oriental. Doutora em química, ela inicialmente passou longe da política: com os caminhos fechados pela ditadura socialista, preferiu seguir a carreira acadêmica, e só começou a ganhar proeminência no final dos anos 1980, tornando-se uma das lideranças jovens que pediam a reunificação das Alemanhas.

Foi com o furacão de mudanças que começou a tomar conta do país que Merkel passou, pouco a pouco, a abandonar a vida universitária e trilhar cada vez mais firme os caminhos do poder. Em 1989, o Muro caiu. No ano seguinte, a Alemanha voltou a ser uma só e Angela Merkel concorreu para seu primeiro cargo eletivo no “novo” país, entrando no Parlamento.

Ascendendo pouco a pouco no Partido Democrata-Cristão, foi ministra de Mulheres e Juventude e, posteriormente, de Meio Ambiente – até se tornar o principal nome da sigla e assumir como primeira-ministra em 2005. Enfrentando testes como a crise econômica mundial de 2008 e a falência de países-membros da União Europeia, como a Grécia, além do influxo de refugiados do Oriente Médio no continente, Merkel se tornou a líder incontestável do bloco. Enquanto a crise se espalha entre seus vizinhos, a Alemanha de Merkel cresce fortalecendo suas exportações. Suas políticas de austeridade nem sempre foram populares, mas o êxito econômico dentro da Alemanha lhe garantiu sucessivas reeleições.

Ela assumiu o governo com a maior taxa de desemprego desde que Hitler chegou ao poder nos anos 1930 (13%), e, em 2019, reduziu o número para 3%, a menor proporção desde a reunificação. Mesmo em um período de crises, o PIB alemão cresceu a uma média de 2% ao ano na última década.

Em um país historicamente marcado pelas ditaduras sanguinárias de outros tempos, Merkel alcançou o protagonismo por meio da paz e da modernização.



Benazir Bhutto

POLÍTICA

1953 – 2007

Paquistão

Su

BHUTTO



Ela já havia servido dois mandatos como primeira-ministra do Paquistão quando, em campanha para voltar ao cargo em 2007, foi assassinada durante um comício.

Dezenove anos antes, Benazir Bhutto havia se tornado a primeira mulher a governar um país muçulmano, provocando reações radicais de grupos fundamentalistas.

Vivendo em uma sociedade conservadora e machista, Benazir precisou equilibrar os anseios de abertura com as tradições locais: seu casamento foi arranjado (apesar disso, dizia ter a grande sorte de a “química acontecer”), mas, por outro lado, desde cedo seu pai deu margem para que ela seguisse na política. O pai, Zulfikar Ali Bhutto, um rico latifundiário sunita, havia estudado em Oxford, tinha simpatia por ideias ocidentais e foi, ele próprio, primeiro-ministro entre 1973 e 1977.

Quando Zulfikar foi derrubado

por um golpe e executado dois anos mais tarde, Benazir assumiu a liderança do partido. Perseguida pelos inimigos da família, precisou se exilar pela primeira vez, na Inglaterra. Mas, no fim dos anos 1980, o clima político havia virado novamente: Benazir regressou ao país e foi recebida por um milhão de apoiadores em Lahore, considerada a metrópole mais cosmopolita do país. O retorno triunfal abriu caminho para sua vitória eleitoral de 1988.

No entanto, a instabilidade política, a constante atuação de grupos terroristas e as fugas do país natal para se proteger acabariam se tornando uma constante na biografia da mulher mais poderosa do mundo islâmico no século 20. Atacada pela oposição e acusada de corrupção, Benazir via suas tentativas de fazer reformas que garantissem mais direitos para as mulheres serem sabotadas pelos adversários.

Em um país que havia sido

fundado justamente pela religião – o Paquistão era parte da Índia e, na época do fim do colonialismo britânico, foi desmembrado para que os muçulmanos da região não se tornassem uma minoria entre hindus e budistas –, a agenda modernizadora de Benazir não caía bem entre seus opositores mais ferrenhos. Além disso, seus governos coincidiram com a ascensão do Talibã, que passou a aterrorizar o interior repleto de aldeias remotas.

Perseguida, Benazir voltou a se exilar em 1999 e seu marido, que não conseguiu escapar, foi preso. Oito anos mais tarde, ela voltou, mas não pôde concluir seu objetivo. Mesmo correndo risco de vida, insistiu em ir às ruas e falar às multidões. Em 27 de dezembro de 2007, foi baleada por um terrorista ligado ao Talibã. Fora de seu país, ela se tornou um símbolo da esperança por governos seculares em países muçulmanos. Mas, no Paquistão, nenhuma outra mulher voltou a ter o seu poder.



HERDEIRO DRAG QUEEN

Benazir é tia de uma das mais famosas drag queens muçulmanas do mundo. Radicado nos EUA, Zulfikar Ali Bhutto (mesmo nome do patriarca) é filho de Murtaza - irmão de Benazir, também assassinado - e utiliza o nome Faluda Islam nos palcos.

**LOBOTOMIA?**

Em 2011, um neurocirurgião da Universidade Yale disse que Evita teria passado por uma lobotomia. Na época, acreditava-se que a retirada de parte do cérebro reduzia a agressividade. Segundo o médico, Perón teria ordenado a cirurgia, insatisfeito com a oposição de Eva às alianças que vinha fazendo.

**Eva Perón****POLÍTICA**

1919 – 1952

Argentina

“Evita” Perón foi, provavelmente, a primeira-dama mais poderosa da história.

Sem um cargo formal, mas, na prática, sendo tão decisiva quanto uma ministra para as políticas de aumentos salariais e direitos femininos, ela se tornou uma figura fundamental para sustentar o governo do marido, o presidente argentino Juan Domingo Perón. Ao morrer com apenas 33 anos, Eva também manteve seu culto: até hoje, sua figura cristalizada em uma eterna juventude aparece em retratos espalhados por toda a Argentina, quase como uma santa local.

Ela nasceu muito longe dessa badalação toda, em um povoado chamado Los Toldos, e passou seus anos iniciais em Junín, uma localidade não muito distante da capital. A ascensão de Eva Duarte (o “Perón” só viria após o casamento) ao estrelato – e ao poder – começaria após ela se mudar para Buenos Aires, aos 15 anos, em busca do sonho de se tornar atriz. No início, conseguiu emprego em radionovelas, mas seu talento a transformou numa estrela de cinema. Em 1945, Eva e Juan Domingo se casaram, iniciando a dobradinha mais famosa do peronismo. Militar de carreira que vinha se tornando cada vez mais influente, ele chegaria à presidência no ano seguinte.

“Evita” virou o rosto público do novo governo e, valendo-se de seu carisma para dobrar os poderes mais tradicionais da Argentina, ajudou a implantar leis trabalhistas e ganhou a simpatia do movimento operário. Em 1951, nas primeiras eleições com sufrágio universal – outra conquista que ela ajudou a impulsionar –, Evita havia se tornado tão popular que muitos queriam vê-la como vice na chapa do marido. Mas, pressionada pelas disputas políticas e com a saúde debilitada, desistiu de concorrer.

Perón venceria outra vez, mas a primeira-dama já vinha lutando contra um câncer de colo uterino. Ela morreu em 26 de julho de 1952, provocando uma comoção inédita no país. Conta-se que até 2 milhões de pessoas foram às ruas da capital acompanhar o cortejo fúnebre e que todos os floristas de Buenos Aires fecharam as portas: ficaram sem ter o que fazer por dias, após vender seus estoques inteiros para a multidão enlutada.

Evita virou uma figura tão cultuada que, após a derrubada de Perón por um golpe em 1955, seu corpo foi retirado do país – o novo governo queria expurgar os símbolos do peronismo, ainda hoje influente nas eleições argentinas. Nos anos 1970, o corpo foi finalmente sepultado no mausoléu da família, em Buenos Aires.



PERÓN



Su

ELA IMPÔS SUA VOZ

"Eu quero que a conversa seja entre garotas", disse Wú aos oficiais do Partido Comunista Chinês quando conseguiu liberar a viagem da médica chinesa Gao aos EUA.



Wú Yí

POLÍTICA

1938

China

Desde a revolução que colocou os comunistas no comando da China, em 1949, os homens dominaram a política local. Apenas uma mulher se destacou: Wú Yí, que ganhou fama pela capacidade de diálogo para resolver crises.

Sua carreira começou para valer em 1989, quase três décadas após entrar no Partido Comunista Chinês, quando se tornou vice-prefeita de Pequim. Em um momento de convulsão social, adquiriu proeminência ao convencer mineradores a interromper um protesto e voltar ao trabalho, evitando um massacre prometido pelo governo.

Seu nome se destacou fora do país em 2003, quando virou ministra da

saúde. A China passava por um surto de gripe aviária. Para encontrar uma saída, Wú rompeu o sigilo da ditadura chinesa e abriu os dados internos sobre a doença, entrando em contato com a Organização Mundial da Saúde, ministros americanos e europeus.

Pela forma como lidou com a crise, foi escolhida vice-primeira-ministra da China. Até hoje, a única mulher a ocupar o cargo. Em sua nova posição, causou polêmica ao interceder pela médica Gao Yaojide, que deveria ir aos EUA receber um prêmio pelos serviços prestados no combate à aids, mas foi proibida pela cúpula do governo. Wú Yí, pessoalmente, fez com que a viagem fosse liberada.

Mas sua grande característica, sua abertura ao diálogo com "inimigos" e sua fama começaram a incomodar outros líderes comunistas. Em 2007, quando era considerada a segunda mulher mais poderosa do mundo (atrás apenas de Angela Merkel), Wú Yí foi obrigada a se aposentar.

A oposição dizia, pejorativamente, que ela era a "viúva chorosa" e seu gabinete não passava de uma "cozinha".

Mas o machismo de seus adversários não impediu que, em 1960, Sirimavo Bandaranaike se tornasse a primeira mulher do mundo a ser eleita democraticamente para governar um país – a ilha do Sri Lanka, que havia se tornado independente da Grã-Bretanha 12 anos mais cedo.

Conhecida como uma dona de casa, ela se lançou na política após o assassinato de seu marido, o primeiro-ministro Solomon Bandaranaike. Com discursos emotivos, ideias socialistas e uma plataforma que pregava os direitos das mulheres e das crianças, Sirimavo ganhou fama de estadista e arrastou multidões. O sucesso inicial de seu governo ajudou a romper preconceitos quanto à capacidade de uma mulher de governar.

Seu segundo mandato, porém, foi mais acidentado. Nos anos 1970, Bandaranaike não conseguiu evitar que um barril de pólvora herdado do marido explodisse em suas mãos: as políticas segregacionistas implementadas por Solomon mergulharam o país em um conflito étnico entre a maioria cingalesa e a minoria tâmil. A guerra civil deixou mais de 60 mil mortos – e o cessar-fogo só veio em 2009, quase uma década após a morte de Sirimavo.



Sirimavo Bandaranaike

POLÍTICA

1916 – 2000

Sri Lanka





Su



EDIÇÃO Sílvia Lisboa
TEXTOS Juan Ortiz, Maurício Brum,
Pedro Nakamura e Stéfani Fontanive
ILUSTRAÇÃO Cristina Kashima

Das telas às galerias de arte, dos torneios esportivos aos romances, passando pela religião, as mulheres deste capítulo deixaram suas marcas em diferentes aspectos da cultura. Sua genialidade criativa, sua arte e seus exemplos ajudaram a mudar o nosso cotidiano: do jeito de se vestir até uma forma menos machista de ver o mundo.

CULTURA

Su





+

MATERNIDADE NA FICÇÃO E NA VIDA REAL

A atriz Marieta Severo era a melhor amiga de Leila e, em 1987, interpretou a mãe dela no filme biográfico *Leila Diniz*. Fora das telas, Marieta também assumiu a criação da filha de Leila, Jaínaína, que tinha 7 meses quando a mãe faleceu.

**Leila Diniz****CINEMA**

1945 - 1972

Brasil

Su

Em 14 de junho de 1972, um voo da Japan Airlines caiu nas proximidades do aeroporto de Nova Déhli, na Índia, matando 82 pessoas a bordo e quatro no solo.

Até hoje, as causas do acidente não foram totalmente esclarecidas, e não se sabe se o erro partiu do piloto ou da torre de controle – aparentemente, não houve falha mecânica.

Acidentes aéreos sempre têm repercussão internacional, mas, do outro lado do mundo, aquele foi ainda mais noticiado do que o normal para tragédias do tipo: o Brasil havia acabado de perder uma de suas atrizes mais conhecidas – certamente a mais polêmica. Isso porque Leila Diniz tinha 27 anos e voltava de uma viagem à Austrália, em uma das várias escalas do longo trajeto até o Rio de Janeiro.

A morte precoce a eternizou em sua juventude, como uma das artistas mais marcantes da sua geração. Naquele momento, a estrela das novelas globais e do cinema nacional já havia se tornado um símbolo da revolução sexual e da libertação feminina – um movimento que vinha ganhando corpo na Europa e nos EUA principalmente a partir de 1968, mas que no Brasil ainda era restrito. O país vivia a fase mais repressiva da ditadura, que se manifestava não só nas perseguições políticas, mas também nos costumes.

“Posso gostar de um homem e ir para cama com outro”, havia dito

em uma entrevista poucos anos antes, ao jornal satírico *O Pasquim*. “Casos mil. Casadinha nunca. Na minha caminha dorme algumas noites, mais nada”, arrematava, considerando absurda a norma social segundo a qual mulheres deveriam casar virgens. “Pense bem: a mulher tem data marcada para perder a virgindade”, indignava-se.

A entrevista causou tanto furor que, logo após a publicação, o governo militar endureceu a censura prévia, com o Decreto-Lei 1.077, de janeiro de 1970. Apelidado de “Decreto Leila Diniz”, embasava a necessidade de vetar a divulgação de publicações que “estimulam a licença, insinuam o amor livre e ameaçam destruir os valores morais da sociedade”.

Em um país dominado por um governo conservador e aferrado à religiosidade, suas opiniões escandalizavam gente por todos os lados. A direita considerava um absurdo que a voz de Leila repercutisse, a esquerda a enxergava como um desvio dos problemas reais – a brutal perseguição política – e até algumas feministas da época a consideravam exagerada, com opiniões que poderiam ser vistas como vulgares e não contribuir à causa.

Mas nenhuma crítica a impediu de seguir defendendo que as mulheres pudessem escolher o que faziam com o próprio corpo, como exercer sua sexualidade – porque ninguém precisa prestar contas a ninguém.

DINIZ



Carmen Miranda

CINEMA

1909 – 1955

Brasil



Ela nasceu em Portugal, mas desde os dez meses de idade viveu no Brasil, e nunca gostou que lembrassem que não era daqui.

De fato, fazia tanta questão de ser brasileira que, quando a anunciavam como artista “sul-americana” ou “latino-americana”, o que não deixava de ser verdade, apressava-se por explicar as minúcias que tornavam a cultura brasileira única. Com 1,52m de altura, ganhou o apelido de Pequena Notável, e ajudou a projetar seu país de adoção para o mundo – bem como alguns estereótipos a seu respeito.

Carmen cresceu no Rio, estudou moda e chegou a trabalhar em uma confecção de chapéus. Após aprender a costurar, apaixonou-se pelos turbantes, que transformou em parte indissociável da sua imagem – no seu caso, cobertos por frutas tropicais. Passava suas horas livres cantando e dançando e juntava

algum dinheiro animando festas, até receber propostas para atuar profissionalmente. Começou em rádios, depois teatros e cassinos (que, na época, ainda funcionavam no Brasil), e saiu em sua primeira turnê internacional, por Buenos Aires.

Seu sucesso foi estrondoso. A tal ponto que, em 1939, dez anos depois de assinar seu primeiro contrato, chegava à Broadway e a Hollywood. Em uma época em que o cinema começava a explorar a sexualização das estrelas femininas, como ocorreu com Marilyn Monroe, Carmen Miranda não chegava a se enquadrar nos padrões de beleza. O interesse era causado pelo exotismo das suas vestes, danças e o samba que acompanhava seus movimentos.

Em 1940, apresentou-se na Casa Branca, a convite do presidente Franklin Roosevelt. A aproximação fazia parte da “política de boa vizinhança”, com a qual os EUA procuravam manter aliados no

continente durante a 2ª Guerra. Carmen Miranda gravou 14 filmes em Hollywood e inaugurou o interesse norte-americano pela cultura latina, que tomaria uma fatia cada vez maior do mercado nas décadas seguintes. Tornou-se, ainda, a primeira sul-americana a ganhar uma estrela na Calçada da Fama. Mas as mesmas razões para o seu sucesso seriam o motivo de suas frustrações no fim da vida: Carmen nunca escapou do estereótipo “brasileiro” que havia criado para si, o que a impedi de realizar os projetos artísticos mais ambiciosos com que sonhava. Seus contratos não davam liberdade para fugir da personagem habitual.

Em seus anos finais, passou a abusar de álcool e medicamentos, uma combinação que se revelaria fatal: aos 46 anos, no intervalo de uma gravação para a TV em Beverly Hills, um infarto interrompeu a trajetória da primeira artista que o Brasil exportou para as telas estrangeiras.

Su



RICA E FAMOSA

Em 1944, ainda no auge, Carmen Miranda foi a mulher mais bem paga dos Estados Unidos. Segundo divulgou o Tesouro norte-americano na época, ela declarou renda de US\$ 201.458 no ano – US\$ 2,9 milhões, ou R\$ 12 milhões, em valores atualizados.



Su



UMA ARTISTA COMPLETA

Audrey era uma artista completa: cantava, dançava, interpretava e encantava. É uma das seis mulheres na pequena lista dos vencedores dos vencedores dos quatro principais prêmios de entretenimento: Emmy (televisão), Grammy (música), Oscar (cinema) e Tony (teatro), conhecido como EGOT.



Audrey Hepburn

CINEMA

1929 – 1993

Grã-Bretanha



Um vestido longo preto, um colar de pérolas, uma luva, um coque com uma tiara brilhante e uma piteira.

Você pode não conhecer a atriz, ou nunca ter visto o filme *Bonequinha de Luxo*, mas já deve ter visto a imagem da jovem moça com seu café na mão em frente à Tiffany, uma famosa joalheria de Nova York. Audrey Hepburn entrou no imaginário por seus filmes românticos e por ser um ícone da moda. Mas sua importância vai muito além disso.

Filha da baronesa Van Heemstra e de um negociante, Audrey dividiu sua infância em diferentes países pelo trabalho de seu pai: Bélgica, seu país natal (embora tivesse nacionalidade britânica), Inglaterra, França e Holanda. Por conta disso, ainda criança já dominava vários idiomas: inglês, francês, holandês e flamengo, um dialeto da Holanda. Mais tarde, incluiu italiano e espanhol na lista.

Teve uma infância abastada, até completar 11 anos, quando a Holanda foi tomada pelo exército nazista. As posses da família foram confiscadas pelo novo governo. Seu irmão mais velho teve que se esconder, e o mais novo foi trabalhar forçadamente em uma empresa. A comida passou a ser racionada. Audrey ficou desnutrida e doente. Mesmo assim, auxiliou na resistência como um pombo-correio: levava e buscava documentos de grupos contrários a Hitler e informações

sobre sobreviventes. A cidade em que morava foi bombardeada e ela presenciou o que chamou de miséria humana: corpos sem vida e prédios destruídos por toda a cidade.

A Holanda só se viu livre dos nazistas quando Audrey já tinha 16 anos. Fraca e precisando de medicamentos, foi auxiliada pela Cruz Vermelha. Nunca esqueceu essa ajuda. Mas os traumas da guerra a acompanharam para sempre. Sua magreza fora dos padrões hollywoodianos foi consequência dos anos vivendo com comida racionada.

Começou como atriz aos 20 anos, em um filme de baixo orçamento chamado *O Holandês em Sete Lições*. Mudou-se para Londres e participou de musicais para ganhar dinheiro. Audrey amou o palco. Teve pequenos papéis em filmes ingleses até sua grande oportunidade aparecer: *A Princesa e o Plebeu*. Sua primeira protagonista e seu primeiro Oscar.

Seus filmes de romance, parecendo contos de fadas, conquistaram a bilheteria – e o coração dos espectadores. Mas seu grande sonho era ser mãe. Aposentou-se em 1967 para cuidar de seus dois filhos.

Volto a atuar dez anos depois. Seu último filme foi *Além da Eternidade*, em 1988. Mas o grande papel em sua carreira ficou para o final, quando se tornou embaixadora especial da Unicef e viajou por todo o mundo auxiliando crianças. Morreu de câncer aos 63 anos.

HEPBURN



Agnès Varda

CINEMA

1928 – 2019

Bélgica

No fim da década de 1950, a Nouvelle Vague surgiu como um importante movimento cinematográfico europeu em reação às superproduções de Hollywood: seus filmes tinham baixo orçamento, filmagens nas ruas, levando temas do cotidiano e tabus às telas.

O período teve grandes nomes, como Godard e Truffaut, e inspirou tantos outros. Mas uma cineasta, considerada a matriarca do período, é constantemente esquecida. Seu nome é Agnès Varda.

Varda nasceu em Bruxelas, mas se radicou na França. Começou como fotógrafa, mas logo passou ao cinema.

Imagens: Getty Images

TÍTULO PARA QUÊ?

Agnès se formou em literatura e psicologia pela prestigiosa Sorbonne, mas odiou a experiência. Dizia que as aulas eram "estúpidas".

Seu primeiro filme foi *La Pointe-Courte*, de 1954, mas seu maior sucesso foi *Cléo das 5 às 7*, em que acompanha a vida de uma famosa cantora por uma hora e meia.

Em 60 anos de carreira, fez mais de 50 filmes com as mais variadas temáticas, do racismo ao direito das mulheres. Em *Uma Canta, a Outra Não*, trata de aborto, maternidade, direitos e união feminina. Produziu também um curta sobre o movimento Panteras Negras. Agnès se denominava feminista e de esquerda, mas dizia nunca ter feito filmes políticos, apenas se mantinha "ao lado dos trabalhadores e das mulheres". Era uma mulher franzina, e dizia "se encaixar" em qualquer lugar para filmar suas obras.

Foi a primeira mulher a ganhar um Oscar pelo conjunto da obra e única mulher homenageada com a Palma de Ouro, ambos prêmios honorários. Em seu último ano de vida, lançou *Varda por Agnès*, seu legado final, recordando a história de sua vida e seus filmes.

Su

Gabrielle Bonheur Chanel queria ser uma artista. Começou a se apresentar no café parisiense La Rotonde, sempre com a mesma música: "Qui qu'a vu Coco" (Quem foi que viu Coco).

O público, então, começou a chamá-la de Coco – nome que ficaria conhecido não pelas habilidades em canto, mas por revolucionar o modo como as mulheres se vestiam. Se hoje você usa calça e saia curta e não longos vestidos bufantes, agradeça a Coco Chanel.

Criativa, Chanel modernizou o guarda-roupa

Coco Chanel

MODA

1883 – 1971

França



feminino com peças até então consideradas masculinas: popularizou o uso de calças e criou o tailleur, o paletô feminino. Também causou furor ao diminuir o comprimento das saias. Uma das peças mais marcantes criadas por Chanel foi o vestido preto reto, que se tornaria uma peça-chave no guarda-roupa feminino. Seu estilo era simples, mas elegante, e trouxe praticidade e conforto para o cotidiano das mulheres.

O estilo Chanel de se vestir ganhou as ruas na Paris da 1ª Guerra, quando a exibição de trajes luxuosos não combinava com o clima de austeridade no país.

Mas a mulher que inspirou até o nome de um corte de cabelo tem uma biografia polêmica. Chanel se aproveitou das leis antisemitas de seu país para dar um golpe no sócio judeu e tomar a empresa que comercializava seu famoso perfume, o Chanel N° 5 – mas não deu certo: o sócio a retornaria após a guerra. Sua proximidade ao regime nazista não apagou sua importância na moda.

+

ALIADA POR CONVENIÊNCIA?

Chanel flertou com o nazismo para tirar seu sobrinho Gabriel da prisão - mas a suspeita é que ele era seu filho.



G
H
E
S



Gabriela Mistral

POESIA

1889 – 1957

Chile

Desde criança, Lucila Godoy teve uma relação conturbada com a escola. Filha de costureira, tinha 3 anos quando viu seu pai abandonar a família.

Dele, herdou apenas o sobrenome e a vocação para as letras. Aos 10 anos, Lucila foi apedrejada por colegas de turma depois de ter sido acusada de roubar papel. A professora que a incriminou ainda resolveu chamá-la de "débil mental".

As próximas humilhações vieram em 1908, ao ser barrada no curso de magistério na cidade La Serena, uma das mais antigas do Chile. Na época, ela escrevia artigos sobre diversos assuntos para jornais da região. Mas

MÃE DO SOBRINHO

Gabriela criou como seu o filho de seu meio-irmão, Juan Miguel ou "Yin Yin" vivia com a tia, a quem chamava de mãe, até tirar a própria vida, aos 17 anos.

suas palavras foram consideradas "profanas" e "socialistas" demais pelos conservadores locais. Um desses textos dizia que a mulher deveria "deixar de ser mendiga de proteção" e "viver sem sacrificar sua felicidade com um dos repugnantes matrimônios modernos". Após tornar-se professora primária (em uma instituição da capital), percorreu os povoados do interior do país aplicando e construindo um modelo pedagógico baseado no desenvolvimento e bem-estar das crianças.

Mas o legado de Lucila foi além das salas de aula. Ainda jovem, adotou o pseudônimo "Gabriela Mistral" em homenagem aos poetas Gabriele D'Annunzio e Frédéric Mistral. E foi da poesia que tirou suas obras-primas: *Desolação*, *Sonetos da Morte*, *Tala* e *Lagar*. Depois, em 1926, foi trabalhar como secretária e depois diplomata na Liga das Nações – quando a entidade acabou, assumiu cargos na ONU. Foi a primeira latino-americana a receber um Nobel, concedido por seus versos inspiradores.

Su



Em fevereiro de 1966, a indústria musical vibrava ao ouvir James Brown repetir que este era "um mundo de homens". Eles não esperavam uma Aretha Franklin.

No ano seguinte, a artista de 25 anos lançou a música *Do Right Woman, Do Right Man*, que questionou a afirmação de Brown. "Mulheres não são brinquedos" e "mostre algum respeito por mim", rebatiam os versos. A faixa fez parte do décimo álbum da cantora, que incluiu a icônica *Respect*, escrita por Otis Redding com um sentido totalmente diferente do que ficou conhecido. A



Aretha Franklin

MÚSICA

1942 – 2018

Estados Unidos



letra original intimava a esposa a ser obediente e não reclamar. Aretha editou o texto, mudou o tom e transformou a música em hino contra o machismo. Com o hit, ela decolou: atingiu a primeira posição na Billboard e venceu dois prêmios Grammy – seriam 18 ao todo.

Antes de Whitney Houston e Amy Winehouse subirem nos palcos, a jovem Aretha já era a rainha do soul. Seu jeito de cantar, técnico e carregado de emoção, vinha do gospel que cantava desde pequena nos corais da igreja batista em Memphis, Estado do Tennessee. Ela largou a escola ao engravidar aos 14 anos e passou a acompanhar o pai, o reverendo C. L. Franklin, nas missões evangélicas pelo país. Pouco tempo depois, ficou grávida de novo e teve seu segundo filho aos 16 anos. Sua fé por mudança também se estendia à luta do movimento negro pelos direitos civis. Aos 66 anos, ela cantou na cerimônia de posse de Barack Obama, o primeiro presidente afro-americano dos EUA.

Foi a primeira mulher a entrar no Hall da Fama do Rock, em 1987.



16 DE FEVEREIRO

Foi a data escolhida para celebrar o "Dia da Aretha Franklin" em Detroit, a cidade onde ela cresceu.



Violeta Parra

MÚSICA

1917 – 1967

Chile

Antes de completar 50 anos, Violeta Parra se suicidou. Os biógrafos divergem sobre os motivos, mas é certo que estava decepcionada.

Era fevereiro de 1967. Ela estava sozinha no local que havia erguido alguns anos antes na capital do Chile, com o objetivo de criar uma espécie de "universidade do folclore". O governo nunca cumpriu a promessa de entregar verbas para levar o sonho adiante.

Durante anos, ela se empenhou por reunir cantores e compositores latinos para apresentarem os sons típicos de suas terras natais. As próprias canções de Violeta se tornariam famosas – às vezes, mais



SÍMBOLO DE RESISTÊNCIA

Os ritmos folclóricos resgatados por Violeta caíram no gosto dos cantores de esquerda do Chile – tanto que durante a ditadura muitas de suas músicas foram censuradas.

do que ela própria: *Gracias a la Vida*, presente em seu último disco, conquistaria o mundo na voz de Mercedes Sosa. O legado de Violeta, porém, foi além das letras marcantes. Suas tapeçarias bordadas, por exemplo, transformaram-na na primeira mulher latina a ter obras expostas no Museu do Louvre, em Paris.

Ainda nos anos 1930, ela foi responsável por popularizar o movimento de recuperação do folclore sul-americano, viajando a locais remotos em busca de histórias e instrumentos ancestrais dos povos indígenas. Isso ajudou a preservar uma memória cultural que vinha desde antes da colonização espanhola, e estava lentamente se perdendo com o rádio difundindo novos ritmos estrangeiros. Se você hoje conhece o som de uma flauta andina ou de um charango, é em grande parte graças a Violeta Parra e aos inúmeros folcloristas que ela inspirou contínuo afora.

Su

Quem lembra da performance de Madonna vestindo um sutiã de cone pode não imaginar que ela veio de uma família religiosa e estudou em uma rígida escola católica.

Para chegar ao título de rainha do pop, Madonna Louise Ciccone teve que abandonar a faculdade de dança, mudar-se para Nova York (com US\$ 35 na carteira) e trabalhar como modelo, dançarina e garçonete.

Ela despontou para a fama com "Like a Virgin", que atingiu o primeiro lugar da Billboard em 1984, no segundo ano de carreira. Desde



Madonna

MÚSICA

1958

Estados Unidos

então, outras 11 músicas atingiram o topo da lista e ela ganhou mais de 200 prêmios.

Nos anos 1980, ganhou destaque como porta-voz da luta contra a epidemia de HIV. O ativismo de Madonna ajudou a combater o estigma em torno da doença e a transformou em ícone LGBT até hoje.

Na luta pelos direitos femininos, destacou-se por combater os tabus relacionados à liberdade sexual. Seu livro *Sex*, lançado em 1992, mostra imagens dela em posições sexuais e fantasias eróticas. Quando um jornalista disse achar "horrível" uma foto da cantora se masturbando, ela se manteve afiada para lidar com a repercussão: "você tem medo de uma mulher que pode se excitar sozinha?", respondeu.

Sincera, corajosa, sem medo de se posicionar, Madonna abriu caminho para que outras mulheres na indústria da música também defendessem causas para além da arte, como Beyoncé na luta contra o racismo, e Lady Gaga, na defesa dos LGBT.



RAINHA DO POP

Seu novo álbum, *Madam X*, se tornou a 9ª obra da cantora a alcançar o topo da "Billboard 200".

Su



virgens participavam de disputas em honra à deusa Hera, as Heraia.

Foi só na era moderna que mulheres passaram a competir com os homens, e isso começou apenas nos segundos Jogos Olímpicos contemporâneos, em Paris, no ano de 1900. A primeira a quebrar a antiga regra foi Hélène de Pourtalès, uma norte-americana naturalizada suíça que foi duplamente pioneira: tornou-se a primeira mulher a competir e a primeira a levar ouro nas Olimpíadas, tudo no mesmo dia.

Hélène pôde entrar antes de outras mulheres que também disputaram os Jogos de 1900 porque participou em uma categoria mista da vela: dividiu o barco com o marido, Hermann de Pourtalès, e o sobrinho dele, Bernard. O trio também ganhou uma medalha de prata na regata seguinte.

Hélène abriu as portas para as esportistas de alto nível: elas, que eram apenas 2% dos inscritos nas Olimpíadas de 1900, foram aumentando sua presença a cada edição e chegaram a 45% do total de competidores nos Jogos do Rio, em 2016.

Hélène de Pourtalès

ESPORTES

1868 – 1945

Suíça

Nas antigas competições gregas, não havia mistura: em Olímpia, mulheres casadas não podiam frequentar (e muito menos participar de) competições esportivas.

As solteiras até tinham uma oportunidade, mas seu evento era diferente – enquanto os homens competiam nos jogos em homenagem a Zeus, que ficaram conhecidos como Olimpíadas, as

Antes de iniciar a competição mais importante de sua vida, Aida chorava. Não de nervosa, mas por temer que seu esforço fosse em vão: sem treinamento profissional nem equipamentos adequados, ela ainda havia se machucado antes de competir.

Negra, pobre e favelada, Aida descobriu cedo o talento para o salto em altura. O pai não gostava. Após vê-la competir, deu-lhe uma surra: "pobre tem que ganhar a vida", dizia, e o esporte não dava um tostão. Foi juntando dinheiro como faxineira que seguiu treinando, por conta própria, e assim



Aida dos Santos

ESPORTES

1937

Brasil

chegou às Olimpíadas de 1964, em Tóquio. Apesar do sucesso, o apoio era quase nulo: não tinha calçados apropriados nem intérprete para entender os japoneses.

Um patrocinador dos Jogos, comovido, empes- tou sapatinhas para que competisse. Aida saltou a 1,74 m de altura, e ficou a poucos centímetros do pódio. Seu quarto lugar permaneceria como a melhor performance individual de uma mulher brasileira em Olimpíadas pelos próximos 44 anos.

De volta, viu um caminhão de bombeiros pronto para celebrá-la nas ruas, mas preferiu usar a fama recém-adquirida para denunciar as péssimas condições do esporte feminino no País. Imediatamente, foi cortada das equipes olímpicas.

Seu sacrifício não foi em vão. Aida não foi a primeira mulher olímpica brasileira (o título é da nadadora Maria Lenk, em 1932), mas foi fundamental para elas ganharem visibilidade. No Rio, em 2016, as mulheres foram responsáveis por cinco medalhas do País.



Su



Serena Williams

ESPORTES

1981

Estados Unidos

Em Compton, um subúrbio de Los Angeles conhecido pela violência, a futura rainha das quadras começou a treinar em condições nada propícias.

O tênis era visto como um esporte para os ricos, longe da sua realidade, mas o pai se encantou ao ver um jogo pela TV e fez o que pôde para ensinar às filhas. Serena Jameka Williams e a irmã, Venus, treinaram desde a infância em uma quadra rodeada por brigas de gangues.

Serena logo ganhou destaque nas competições infantis e iniciou

a carreira profissional aos 14 anos. Um pouco mais velha, quando ocupava a 304ª posição do ranking mundial, venceu duas adversárias que estavam no top 10, chamando a atenção para suas habilidades.

Além da destreza nas quadras, Serena é conhecida por seus posicionamentos contra o racismo e o machismo, questionando juízes e até presidentes das federações de tênis. Um de seus protestos foi jogar vestindo um tutu preto, em resposta a um dirigente que criticou a roupa usada em sua partida anterior: um macacão escolhido por ajudar na circulação sanguínea e evitar coágulos, uma necessidade após um difícil parto.

A pequena menina de Compton cresceu, treinou e triunfou: Serena acumulou quatro ouros olímpicos, dezenas de Grand Slams e liderou o ranking mundial por anos a fio. Sempre treinou junto com a irmã, Venus, e juntas conquistaram 14 Grand Slams. A dupla é sempre citada como inspiração por jovens tenistas negras, que passaram a ver o esporte como uma opção viável.

Estava na lei: até 1979, o país do futebol não permitia que mulheres praticassem o esporte.

E não era por falta de interesse – elas têm uma ligação tão antiga com o jogo que até o termo torcida vem da participação feminina nos estádios: vinha das damas cariocas que vibravam suas luvas nas arquibancadas no início do século 20.

O preconceito não é exclusividade do Brasil. Na Inglaterra, times femininos também foram banidos por décadas e foi preciso que craques como Lily Parr (1905-1978) lutasse para

reviver o esporte. Por aqui, o jogo só começou a sair da clandestinidade nos anos 1980, e mesmo assim com restrições arbitrárias: Sissi, a grande craque brasileira antes de Marta, teve que abandonar a seleção no ano 2000 por usar o cabelo raspado. Ela havia sido artilheira da Copa do Mundo um ano antes.

A alagoana Marta Vieira da Silva surgiu logo após, aos 18 anos, como a grande craque da geração que levou a seleção feminina às suas primeiras finais de Olimpíadas e Copa do Mundo. Marta também se tornou a primeira jogadora a ser eleita seis vezes a melhor do mundo.

Ainda faltam investimentos, mas, desde a virada do século, o outrora proibido futebol feminino cresceu tanto no Brasil que hoje os clubes profissionais são obrigados a manter também uma equipe de mulheres – ou não podem entrar no Campeonato Brasileiro masculino. Agora é lei.



Marta

ESPORTES

1986

Brasil



ÚNICA CENTENÁRIA

Marta é a única pessoa a marcar mais de cem gols vestindo a camiseta da Seleção Brasileira. Ela chegou à marca em dezembro de 2015. Pelé, artilheiro dos homens na história, fez 95 pelo Brasil.



Su



MADALENA

A partir do século 11, passou a circular com força a lenda de que Maria Madalena teria fugido para o sul da França no fim da vida, e nas décadas seguintes várias ossadas encontra-das na região foram cultuadas com sendo dela. Não há evidência, porém, da velhice francesa de Maria.



Maria Madalena

RELIGIÃO

Ínicio da Era Cristã

Palestina



Prostituta arrependida em nome da fé, a esquecida “apóstola mulher” de Jesus Cristo ou até mesmo a sua esposa, de quem estaria grávida no momento da crucificação. As lendas em torno de Maria Madalena são diversas, vêm de séculos atrás.

Sobre ela, de fato, sabe-se pouco: grande parte de sua história é contada nos Evangelhos apócrifos, não incluídos na Bíblia e, com frequência, escritos muito depois dos dias de Jesus, refletindo disputas políticas internas da Igreja. Assim, tanto as versões favoráveis quanto negativas sobre ela acabam dependendo das intenções dos autores – e tinham a ver com a busca por legitimar um papel maior das mulheres dentro do catolicismo ou por relegá-las a um segundo plano.

Maria era “madalena”, provavelmente, por ser de Magdala, uma aldeia próxima a Cafarnaum, o quartel-general de Jesus na Galileia. É muito possível que, no mínimo, assistisse às pregações de Cristo – na Bíblia oficial, seu papel não vai além disso: uma seguidora a mais presente no momento da crucificação.

Prostituta não era mesmo, pelo menos nada há que diga isso explicitamente – foi apenas uma lenda que persistiu até os nossos dias, interpretando-a como uma das “pecadoras” que aparecem ao longo dos livros sagrados.

Nos Evangelhos apócrifos, porém,

Maria de Magdala se converte em uma das figuras fundamentais do cristianismo. Aparece em igualdade de condições com os apóstolos, e teria sido a mulher mais importante na difusão da fé cristã em seus primórdios. Em um desses textos não reconhecidos pela Igreja, o Evangelho de Filipe, ela é inclusiva citada como “companheira” de Jesus – mas não está claro o que se quer dizer com isso. A palavra grega *koinonôs*, utilizada para descrever a relação, era pouco usual para se referir a uma esposa, aproximando-se mais da ideia de pessoas que compartilham algo importante. Mas os textos não vão além disso: nada de gravidez ou uma menção clara a um casamento.

Segundo historiadores da religião, no início da era cristã era comum que as mulheres estivessem entre as pregadoras da fé. Ou seja, é provável que Maria Madalena fosse uma discípula em pé de igualdade com os apóstolos. Só que, conforme os séculos passaram, a participação feminina foi sendo reduzida na Igreja.

O ocultamento de Maria Madalena não seria para apagar o suposto romance e preservar a imagem de Jesus como livre do “pecado original”, mas para fazer os homens vencerem a queda de braço pelo poder dentro da fé. Assim, a mulher que talvez tenha sido a mais importante no início do cristianismo acabou reduzida a uma fiel lacrimejante nos pés da cruz.



Virgem Maria

RELIGIÃO

18 a.C. - 40 d.C.

Palestina

Su



MARIA

Nos textos sagrados do cristianismo e do islamismo, Maria é a mulher que aparece de forma mais proeminente. Mãe de Jesus, ela é citada nos quatro Evangelhos do Novo Testamento como alguém que recebeu a missão de carregar o filho de Deus.

Sua história também aparece em textos apócrifos, aqueles não incluídos na versão oficial da Bíblia. No Islã, onde Jesus (chamado Isa) é considerado o último profeta antes de Maomé, ela é Maryam, e sua história está retratada em um dos capítulos mais longos do Corão.

Comprovar sua existência – ou as circunstâncias divinas do nascimento de Cristo – é um desafio, mas o culto à figura daquela que também ficou conhecida como Nossa Senhora permanece central para o cristianismo.

Segundo as escrituras, ela teria vivido em Nazaré, no norte da antiga Palestina, hoje uma

cidade em Israel com maioria muçulmana. Pela tradição da época, ela provavelmente foi prometida em casamento a José ainda adolescente, aos 12 anos.

A maior parte dos textos envolvendo Maria, porém, faz referência a episódios relacionados ao nascimento e à morte de Jesus. Muitas lacunas e detalhes foram preenchidos posteriormente por dogmas estabelecidos em longas discussões teológicas na Igreja. Ela teria sido a responsável por incentivar o filho a realizar seu primeiro milagre: a transformação de água em vinho, em um casamento descrito no Evangelho de João.

Outro dogma se refere ao título de "Imaculada Conceição", a ideia segundo a qual Maria estava livre de qualquer pecado desde o instante em que foi concebida por sua própria mãe – algumas correntes defendiam que ela só teria se libertado do pecado ao engravidar de Jesus. Foi apenas em 1854 que a doutrina da

Imaculada Conceição foi totalmente aceita e definida, em uma bula do papa Pio 9º.

Após a ressurreição de Jesus, porém, Maria praticamente desaparece dos textos bíblicos, embora algumas interpretações garantam que seja ela a misteriosa figura feminina sem nome conhecida como a Mulher do Apocalipse. Segundo a tradição cristã, a vida da Virgem Maria não se encerrou de maneira comum: ela jamais teria experimentado a morte física, ascendendo aos céus em carne e osso.

Ao longo dos séculos e dois milênios após seu nascimento, muita gente garante que ela teria feito "aparições" ao redor do mundo. Santuários para celebrá-la estão entre os maiores de seus países – como os dedicados à Nossa Senhora de Guadalupe (México), Nossa Senhora de Fátima (Portugal) Nossa Senhora de Todos os Povos (Japão) ou, no caso brasileiro, à Nossa Senhora Aparecida.



MARIA DIFAMADA?

A mãe de Jesus esteve no centro de uma violenta disputa religiosa entre católicos e judeus mais de um milênio mais tarde. Em 1240, trechos do Talmude, um dos livros sagrados do judaísmo, foram traduzidos ao francês e "julgados" por supostamente conter trechos que ofendiam a Virgem. Vinte e quatro carroças repletas de manuscritos foram apreendidas e incendiadas nas ruas de Paris.



JUANA NAS TELAS

Em sete episódios, a produção *Juana Inés*, de 2016, retrata a vida da famosa freira, com seus principais embates intelectuais, religiosos e amorosos. Quem interpreta Sor Juana são as atrizes mexicanas Arantza Ruiz (jovem) e Arcelia Ramírez (adulta). Está disponível na Netflix.



Sor Juana Inés de la Cruz

RELIGIÃO

1651 – 1695

México

Su

Cerca de 40 doutores das mais diversas áreas – incluindo teologia, literatura, filosofia e matemática – estavam reunidos no palácio do governo, na Cidade do México.

Os peritos tinham sido convocados pelo vice-rei para testar os conhecimentos da tutora de sua filha. A candidata de 15 anos respondeu com maestria ao bombardeio de perguntas perniciosas e discussões teóricas de todo tipo. Não tinha formação universitária (na época, exclusiva para homens), mas fez a corte espanhola respeitar seu nome. Foi o primeiro ato triunfal de Juana Inés de Asbaje.

Filha bastarda de mãe mexicana e nobre espanhol, Juana Inés lia desde os 3 anos. Dos índios, aprendeu a língua náuatle; e, em 20 aulas, dominou o latim. Era uma garota-pródigo, praticamente autodidata, com aptidão para as letras. Porém, no século 17, não havia muita escolha para uma boa moça nascida em terras católicas: ou casava ou ia para o convento. Ela foi pela segunda via. “Considerando a negação total que eu tinha ao matrimônio, era o menos descabido e o mais decente que poderia escolher”, disse numa de suas famosas cartas.

Em 1667, deixou o ambiente da corte para se juntar à ordem das carmelitas. Lá virou Sor (“irmã”) Juana Inés de la Cruz, título que carregou até o túmulo. Mas não aguentou por

muito tempo a rigidez do mosteiro. Fugiu e entrou para o convento das jerônimas, que davam um pouco mais de liberdade às irmãs.

A relação pessoal de Sor Juana com as vice-rainhas – primeiro com Leonor de Carreto e depois com Maria Luísa Manrique, a condessa de Paredes – sempre foi nebulosa. Mesmo casada com Deus, fez versos carinhosos para ambas. À segunda, deu o codinome de “divina Lysi”. A nobre ainda foi a responsável por publicar poemas da freira reunidos no livro *Inundación Castálida*.

A religiosa também teve a audácia de desafiar um sermão do renomado Padre Antônio Vieira. Em uma carta disse que se Vieira discordava de Santo Agostinho, ela poderia discordar de Vieira. A teologia era então considerada a mais elevada de todas as ciências – e, claro, proibida para mulheres. Ela quase acabou na fogueira da Inquisição, e só foi poupar graças aos pareceres favoráveis de intelectuais e clérigos espanhóis – todos se curvavam à sua mente brilhante. Seus versos explicavam: os homens tolos acusam as mulheres daquilo que eles mesmos provocam.

Sor Juana passou reclusa a maior parte da vida, mas seus poemas satíricos, barrocos e feministas difundiram-se pelo império espanhol. Foi uma escritora feminista dentro da Igreja Católica em pleno século 17. Hoje, seu rosto está estampado nas cédulas de 200 pesos mexicanos.

SOR JUANA INÉS DE LA CRUZ

Su



Frida Kahlo

ARTES

1907 - 1954

México

KAHLO



Somente aos 46 anos, debilitada por crônicos problemas de saúde, Frida Kahlo fez sua primeira grande exposição de pinturas na capital mexicana. A ambulância chegou às 20h na Galeria de Arte Contemporânea.

Carregada de maca, a artista foi levada até uma cama de quatro colunas enfeitada com esqueletos de papel e fotos de líderes socialistas. Ela permaneceu deitada toda a exibição, das 20h até a madrugada, usando seu tradicional traje de tehuana e tranças em forma de coroa. Dezenas de amigos e admiradores fizeram fila para cumprimentá-la, formaram um círculo em volta da cama e cantaram até tarde da noite. Frida morreu um ano depois.

Assim foram os dias de Magdalena Carmén Frida Kahlo y Calderón: entre dores e festas. Com 6 anos, contraiu poliomielite, doença infecciosa que ataca

o movimento dos membros inferiores. Teve que ficar deitada por nove meses, e sua perna direita atrofiou. As saias longas, uma de suas marcas registradas, serviam para esconder a deformidade. A próxima tragédia ocorreu aos 18 anos. Estava voltando de ônibus para casa, em Coyoacán, quando um bonde desenfreado colidiu contra a condução. Frida foi jogada contra a quina de um prédio e sofreu múltiplas fraturas pelo corpo. Três na coluna, 11 na perna direita e outras nas costelas, clavícula e pélvis. Ao longo da vida, passou por 32 operações. Enquanto se recuperava, dedicou seu tempo à pintura.

A artista ingressou nos círculos intelectuais e políticos de seu país. Nas reuniões do Partido Comunista do México, conheceu o pintor Diego Rivera, com quem compartilhou amores, um casamento de uma década e diversas infidelidades – a pior delas em 1934, de Rivera com a cunhada,

que resultou na separação do casal. Entre 1937 e 1939, Frida hospedou em casa o líder marxista Leon Trótski, expulso da ex-União Soviética, com quem teve um breve romance. Trótski foi assassinado em 1940, e Frida entrou na lista dos suspeitos – o assassino era um agente catalão a serviço de Stálin. Frida e Diego voltaram a morar juntos, não mais como namorados, mas como parceiros de trabalho.

Os autorretratos de Frida representavam o cosmos pessoal da pintora. As obras *As Duas Fridas* (1939) e *Coluna Partida* (1944) são algumas das mais famosas. Em 2016, o quadro *Dois Nus na Floresta* foi arrematado por US\$ 8,5 milhões, o mais caro de um pintor da América Latina. Quando um teórico surrealista disse que Frida era uma representante do movimento, ela respondeu indignada: “Nunca pintei sonhos. Eu pinto minha própria realidade.”



A CASA AZUL

A casa azulada da Rua Londres, em Coyoacán, foi onde Frida morou boa parte da vida. Macacos, pássaros, um pequeno cervo, um cão e outros animais circulavam livremente pela residência. Em seu quarto, mantinha um esqueleto que cumprimentava toda manhã e uma jarra com um feto que dizia ser seu filho. No lar dos Kahlo, a artista também deu aula para seus alunos mais dedicados, “Los Fridos”.

Su



PRESA POR PROTESTAR

No Dia da Mulher de 2003, durante um protesto pacífico em frente da Casa Branca contra a atuação violenta dos EUA na Faixa de Gaza, Alice e outras 20 manifestantes foram presas. A detenção durou pouco, mas o episódio marcou Alice.



Alice Walker

LITERATURA

1944

Estados Unidos

Púrpura, depois de 1982, deixou de ser apenas uma cor para remeter à grande obra de Alice Walker. A Cor Púrpura rendeu à autora um prêmio Pulitzer de Ficção e, em 1985, foi adaptado para o cinema - o filme recebeu 11 indicações ao Oscar.

Alice escreveu inspirada em suas vivências. Mais nova de oito irmãos, nasceu e cresceu no interior do Estado da Geórgia, sul dos EUA. Em um acidente envolvendo seu irmão e uma arma de ar comprimido, ficou cega do olho direito.

No conto *Quando o meu par sou eu*, em que trata da solidão da mulher negra e a capacidade de se ver bonita, ela narra essa história: quando tinha 8 anos, Alice e seus irmãos amavam filmes de faroeste, então ganharam armas de ar comprimido. Mas ela, por ser menina, não ganhou uma: era a “índia” nas brincadeiras. Certo dia, escondida no telhado com seu arco e flecha, foi atingida por um tiro no olho.

A última coisa que seu olho direito viu foi uma árvore crescendo por dentro da varanda e alcançando o teto. Foi para o hospital uma semana depois. Permaneceu com a cicatriz por seis anos, até seu irmão pagar uma cirurgia plástica. “Mas de que adianta, se meus irmãos ainda compram revólveres para seus filhos e eles próprios carregam armas?”

Devido à segregação racial da

época, Alice estudou em uma escola apenas para crianças negras. Era uma das melhores alunas, e conseguiu bolsa para a universidade. Na faculdade, envolveu-se com o Movimento dos Direitos Civis, luta que acompanharia sua vida inteira.

Casou-se em 1967 com Melvyn Leventhal, um advogado de direitos civis. Ele era branco, e os dois oficializaram a união em Nova York, no primeiro ano após a liberação do casamento interracial. Mudaram-se para a cidade de Jackson, no Mississippi, sendo o primeiro casal composto por uma pessoa negra e uma pessoa branca no Estado.

Alice escreveu seu primeiro livro em 1968, chamado *Once* – que não foi lançado no Brasil. Foi apenas com *A Cor Púrpura*, publicado 14 anos depois, que suas histórias passaram a ser conhecidas. Em todas elas há um ponto em comum: a realidade da mulher negra. Suas obras tratam sobre solidão, machismo, abusos, racismo, segregação com delicadeza, mas sem esconder a dor de suas protagonistas. Por meio da ficção, Alice escancarou o racismo dos EUA.

Outras escritoras que vieram antes dela já utilizavam da ficção para discutir temas raciais, como a vencedora do Nobel de Literatura, Toni Morrison (autora de *Amada* e *O Olho Mais Azul*) e Zora Neale Hurston (*Seus Olhos Viam Deus*). E muitas outras escritoras vieram depois, como Chimamanda Ngozi Adiche (*leia mais na pág.62*).



WALKER



Su

**Maria Firmina
dos Reis**

LITERATURA

1822 – 1917

Brasil

DOS REIS

"Por qualquer modo que encaremos a escravidão, ela é, e sempre será um grande mal. Dela a decadência do comércio; porque o comércio e a lavoura caminham de mãos dadas, e o escravo não pode fazer florescer a lavoura; porque o seu trabalho é forçado",

escreveu Maria Firmina dos Reis no conto *A escrava*, de 1887 – um ano antes da abolição formal da escravidão no País. Naquele momento, suas palavras não eram as únicas em um movimento abolicionista que crescia no Brasil, mas tinham um detalhe singular: vinham de uma mulher negra.

Maria Firmina dos Reis nasceu em São Luís do Maranhão em março de 1822, quando o Brasil ainda era colônia portuguesa – o grito de Dom Pedro 1º só viria seis meses depois – e, ao longo de quase um século de vida, atravessou todas as grandes transformações: primeiro do Império,

depois da República. Filha de mãe branca e pai negro, ela nasceu livre, mas rodeada por dois estigmas que a acompanhariam pelo resto da vida: a cor da sua pele e o fato de ser uma criança fora do casamento.

Com acesso a uma formação rara para descendentes de africanos no Brasil, ela virou professora e escritora. Em suas obras, a identificação que sentia com os negros escravizados ao seu redor – tão similares a ela fisicamente, mas tão diferentes em sua condição de vida – acabou por transformá-la em uma voz incomum: alguém que se opunha à escravidão sem usar tratados ou panfletos políticos, mas a própria literatura.

Úrsula, seu primeiro romance, publicado em 1859, não fazia críticas tão explícitas quanto o conto *A escrava* – quase 30 anos mais cedo, os tempos ainda eram outros. Mas já trazia uma novidade: os personagens negros não eram um simples pano de

fundo na história. Eles tinham voz, vontade, generosidade e ideias, isto é, eram descritos como seres humanos, com os quais o leitor podia se identificar, não importando a condição social ou a cor da sua pele – algo inédito para a época.

Maria Firmina era bastante conhecida nos círculos intelectuais maranhenses de seu tempo, publicando em jornais e revistas. Sua obra só ganharia destaque no restante do País no século 20, décadas após sua morte, quando foi republicada no Rio de Janeiro.

Mas a voz que deu aos escravizados em seus textos, e as críticas que fez por muitos anos, estiveram entre os documentos mais importantes da luta abolicionista no Brasil, o último país das Américas a encerrar a escravidão – uma lenta construção de muitas pessoas que acabaria por colocar na história o nome de outra mulher, a Princesa Isabel, como a responsável por assinar a Lei Áurea em 1888.



**RETRATO
FALSO**

Não se conhece o verdadeiro rosto de Maria Firmina, que em alguns livros aparece erroneamente como uma mulher branca de cabelos lisos. A imagem mais fidedigna, que reproduzimos aqui, é baseada em um retrato-falso feito pelo biógrafo Nascimento Moraes Filho nos anos 1970, após ouvir pessoas que conviveram com ela na velhice.



Anne Frank

LITERATURA

1929 – 1945

Alemanha

Nascida em uma família de judeus alemães, Anne Frank tinha 4 anos quando Adolf Hitler subiu ao poder.

No início, as mudanças vividas no país pareciam afetá-la menos: os Frank se mudaram para a Holanda em 1934. Mas o nazismo era igualmente popular em Amsterdã e, pouco após a guerra estourar em 1939, a Holanda foi ocupada.

As coisas seguiram piorando e, a partir de 1942, Anne e a família tiveram de passar a viver em uma peça escondida, o Anexo Secreto. Lá, ela começou a escrever seu diário, relatando o temor da época, além das descobertas e sonhos típicos de uma adolescente. O esconderijo virou sua nova casa por dois anos – até agosto de 1944, quando o anexo foi descoberto e a família, levada a



UM DIÁRIO, MÚLTIPLOS VERSÕES

Editado pelo pai, o diário publicado originalmente omitia as reflexões de Anne sobre a própria sexualidade e suas explosões de raiva contra a mãe. Uma versão mais fiel ao manuscrito só foi editada em 1995, 15 anos após a morte de Otto Frank.

campos de concentração. Presa, Anne morreria de tifo no campo de Bergen-Belsen, pouco antes da liberação pelos Aliados.

Seu pai, Otto Frank, sobreviveu – e o manuscrito, editado por ele após a guerra, acabaria se tornando uma das obras literárias mais conhecidas do século 20. Os textos ajudaram a dar um rosto humano à tragédia do Holocausto, ainda marcada pela frieza de números e estatísticas. Narrando a vida cotidiana de uma família que, tirando a religião, em tudo lembrava aquelas que não haviam sido perseguidas pelo nazismo, o *Diário de Anne Frank* ajudou o resto do mundo a compreender a dimensão do genocídio.

Anne tornou-se uma das vítimas mais conhecidas do nazismo. Publicado originalmente em 1947, o livro aumentou a comoção pelo extermínio judeu – um trauma tão grande que levaria à Declaração Universal dos Direitos Humanos um ano mais tarde.

Su

Fazia calor em Baltimore, EUA. Naquela manhã de maio de 2015, a romancista Chimamanda Adichie vomitou. Era uma mistura de gravidez com notícia ruim: seu pai havia sido sequestrado na Nigéria.

Exigiram 10 milhões de nairas (em torno de R\$ 120 mil) para soltá-lo, quantia prontamente paga pela família. Nos dias seguintes, o refém foi liberado. A fama da escritora tinha atraído os bandidos. E até o detetive que ajudou no caso, um agente nigeriano do FBI, reconheceu que era seu fã.

Por duas décadas, Chimamanda vem



Chimamanda Ngozi Adichie

LITERATURA

1977

Nigéria



cativando estrangeiros e conterrâneos com histórias genuinamente nigerianas. Primeiro com *Hibisco Roxo*, de 2003. Dois anos depois, lançou *Meio Sol Amarelo*, romance ambientado durante a guerra civil no país (1967-1970). A narrativa – que virou filme – é contada sob a perspectiva dos igbos, etnia da escritora e dos separatistas derrotados.

Mas foi pela oralidade que ela viralizou. Sua palestra *O problema da história única*, de 2009, recebeu 18 milhões de visualizações e se tornou uma das mais populares do TED Talks. “O problema com os estereótipos não é que sejam mentiras, mas é que são incompletos”, disse, referindo-se à história única da África ser uma história de catástrofes e fomes. As narrativas da escritora africana mais proeminente de sua geração vão para além desses estereótipos e ajudam a desconstruir a ideia de que há apenas um único jeito de existir na África. Dessas ideias, nasceram o romance *Americanah* e o ensaio *Sejamos todos feministas*.



HIT ATÉ NA MÚSICA

Em 2014, o single “Flawless”, da cantora Beyoncé, incluiu um trecho do TED da escritora sobre feminismo. Foi quando a imprensa descobriu que Chimamanda existia.

Su



Clarice Lispector

LITERATURA

1920 – 1977

Brasil



Clarice Lispector detestava que a chamassem de escritora. Aliás, odiava que lhe colocassem qualquer rótulo. Judia de origem ucraniana, perdeu o nome com apenas 1 ano: a bebê Chaya Pinkhasovna foi convertida em Clarice após ela e a família desembarem em Maceió, em 1922.

Mas a etiqueta de estrangeira não sairia tão facilmente. Fora o sobrenome incomum, ela falava com um tipo de língua presa facilmente confundido com os sotaques europeus. Pronunciava o “r” com som de “g” antes das vogais – de modo que se apresentava como “Claguice”.

Embora fosse brasileira na prática, o certo é que via tudo à sua volta com o maior estranhamento, como uma verdadeira outsider existencialista. Adotou os pseudônimos Helen Palmer e Teresa Quadros, foi ghost-writer da atriz Ilka Soares e, quando se

cansava de viver dentro de personagens humanas, provava outras criaturas. No romance *Paixão Segundo G.H.*, exemplo notório, a protagonista entra em um estado de despersonalização ao comer uma barata morta.

Em 1939, Clarice ingressou na faculdade de Direito, embora passasse mais tempo escrevendo textos jornalísticos e literários do que se preocupando com a carreira de jurista. Em 1943, último ano de curso, publicou seu livro de estreia: *Perto do Coração Selvagem*. Sequer compareceu à cerimônia de formatura.

O estilo de escrita intimista da Clarice provocou o encanto e o desdém dos críticos literários. Alguns deles, como Álvaro Lins, atacavam seu “temperamento feminino”. Clarice respondeu criando as mais complexas mulheres da literatura nacional. Suas narrativas seguiam um caótico fluxo de consciência, como se fossem simplesmente

expelidas. Em suas colunas, a autora não deixava que mudassem uma vírgula sequer. “A pontuação é a respiração da frase, e minha frase respira assim”, dizia. Para Clarice, a escrita era uma atividade visceral, porque servia para externar tudo aquilo que ela não conseguia guardar. E assim publicou cerca de 5 mil textos, distribuídos em colunas, trechos de ficção e crônicas.

Uma das mais importantes escritoras brasileiras tinha um segundo vício: o tabaco. Em 1966, a autora dormiu com um cigarro aceso, e seu quarto pegou fogo. Ela quase precisou amputar a mão direita. “Enquanto não escrevo, estou morta”, disse em meio a tragadas durante sua última entrevista, concedida ao programa *Panorama*, da TV Cultura. Oito meses depois morreu de câncer de ovário na véspera de seu 57º aniversário. Clarice seguiu ditando frases em seu leito de morte.



FILHA DE ESCRITORA

Aos 55 anos, Clarice descobriu que a mãe – com quem conviveu até os 8 anos – mantinha um diário e escrevia poemas. Mania Lispector morreu após uma década sofrendo de sífilis. Ela contraiu a doença durante a fuga dos Lispector da Ucrânia, ao ser estuprada por soldados russos.



Su



RETRATO INFIEL

Há apenas uma imagem de Jane Austen, desenhada por sua irmã, Cassandra. Quando encontraram, pesquisadores a coloriram, mas incluíram uma aliança em sua mão.



Jane Austen

LITERATURA

1775 – 1817

Grã-Bretanha

Em 1995, os britânicos tinham um programa semanal: assistir à minissérie *Orgulho e Preconceito*. A história de Elizabeth e Mr. Darcy cativou o público, atingindo mais de 11 milhões de espectadores em cada um dos seis episódios.

Mas a história do casal é mais antiga. A primeira edição do livro que inspirou a série foi lançada 182 anos antes e escrita por Jane Austen.

Jane está no cânone da literatura inglesa desde a Era Vitoriana (1837-1901) e suas obras são conhecidas ao redor no mundo, mas pouco se sabe sobre sua vida. As informações que percorreram o tempo vêm de cartas que enviava à família: era filha de um reverendo, tinha uma irmã e cinco irmãos e escrevia contos desde nova. Nunca se casou. Chegou a aceitar uma proposta, mas o noivado durou apenas um dia, pois mudou de ideia. Dedicou a vida à escrita.

Seu primeiro livro publicado foi *Razão e Sensibilidade*, em 1811. Assinou a obra como "A Lady". Lançou mais cinco romances, fazendo sucesso moderado enquanto estava viva. E, apesar de não ser tão conhecida pelo público, chegou a ser lida até pela realeza. O rei George IV pediu uma dedicatória para a autora – que ela atendeu no livro *Emma*, mas com tom irônico. E essa ironia estaria presente em todas as suas obras.

Apesar de ser tratada como uma escritora de enredos românticos, as principais características de sua obra são o humor e a crítica social. Trazendo temas do cotidiano para as páginas, e mesclando a narração em terceira pessoa com os pensamentos internos das personagens, Jane analisava a vaidade e insensatez humana.

Embora hoje Austen seja considerada a mais famosa autora do período, ela não foi a única. Mary Wollstonecraft, sua precursora, foi a mais importante escritora do final do século 18 no Reino Unido, influenciando a prosa de uma geração de mulheres, trazendo os direitos femininos para a literatura. Foi esquecida pela história por ser considerada radical e por ter uma vida conturbada – teve uma filha ilegítima. Pela má reputação atribuída a Mary, as escritoras que a seguiram não assinavam seus livros, usando pseudônimos, para não correrem o risco de serem comparadas a ela.

A família de Austen queimou grande parte de suas cartas, vendendo a imagem de que tinha uma personalidade tímida e com "bom coração", como diz sua lápide. Não se sabe como era a real personalidade de Jane, mas suas críticas sutis e descrições da vida comum fizeram com que a autora se destacasse. Suas histórias, mais de 200 anos após sua morte, continuam cativando o público.

AUSTEN

Su



PERFECCIONISTA

Antes de publicar seu primeiro livro, *A Viagem*, Virginia revisou minuciosamente a obra - e queimou as primeiras sete versões.



Virginia Woolf

LITERATURA

1882 - 1941

Grã-Bretanha

*Em um melancólico
rio de águas escuras
no interior da Ingla-
terra, Virginia Woolf
silenciou as vozes e as
dores de sua cabeça.*

A escritora passou a vida com depressão, doença que, na época, não tinha tratamento e a levou a tirar a própria vida. Mas o transtorno psíquico não a impediu de criar histórias - e talvez até tenha contribuído com a inovação que Virginia Woolf trouxe à literatura: o fluxo de consciência, com pensamentos e associações não lineares. Ela criava monólogos interiores para seus personagens, que inspiraram o romance moderno. Adeline Virginia Stephen nasceu em uma família

rica. Por ser mulher, não teve educação formal e, ao contrário dos irmãos, que frequentaram a Universidade de Cambridge, foi educada em casa.

Apesar de não ir à universidade, conheceu os colegas de seu irmão por meio do "Grupo Bloomsbury", uma união de artistas e intelectuais, que se encontravam às quintas-feiras na casa dos Stephen. Virginia apaixonou-se por uma de suas companheiras de grupo, a escritora Vita Sackville-West, e desse romance surgiu sua obra *Orlando*. Foi também no grupo que ela conheceu seu marido, Leonard Woolf, de quem adotou o sobrenome.

Para conseguir escrever, ela dizia ter que matar o "anjo do lar", aquele que diz como as mulheres devem se portar, lembra que elas não devem ter opinião e precisam cuidar da casa. Ele nunca morre de verdade. Constantemente retorna. Mas, ao apunhalá-lo, Virginia abria o caminho da escrita. No combate ao anjo, trouxe temas como sexualidade e direitos das mulheres, sendo conhecida como pioneira do feminismo.

**"Hogwarts é meu lar",
diz Harry Potter - e
repetem milhões de
fãs pelo mundo.**

A saga do menino bruxo tem uma história inspiradora por trás: a de sua criadora, Joanne Rowling, que passou de recusada por editoras a primeira pessoa a se tornar bilionária escrevendo livros.

Começou ainda na infância, com a história de um coelho chamado *Coelho*. Apesar do sonho de ser escritora, Joanne realizou o desejo da mãe e virou secretária. Não gostava da função, e foi na volta de uma entrevista de emprego, em uma entediante viagem



J.K. Rowling

LITERATURA

1965

Grã-Bretanha



de trem, que a história do bruxinho surgiu em sua cabeça. Mas a escrita levou tempo.

Sem perspectiva, mudou-se para Portugal. Lá, casou e teve a primeira filha. Mas o marido era ciumento e abusivo. Divorciou-se após dois anos e voltou à Escócia. Falida, desempregada e com uma filha pequena, dependia de auxílios governamentais. Joanne quase não tinha mais o que perder, mas tinha uma "velha máquina de escrever e uma grande ideia na cabeça".

Ela escrevia enquanto a filha dormia. Ao finalizar, outra luta: quem publicaria um livro infantil com mais de 200 páginas? Até o nome teve que mudar: inseriu Kathleen, nome da avó, para poder abbreviar seu nome para J.K. Um disfarce: seu editor disse que meninos nunca leriam algo escrito por uma mulher.

Ele estava errado: os meninos leram, e as meninas também. *Harry Potter* virou a saga mais lucrativa da história e Jo tornou-se bilionária. Hogwarts virou o lar de uma geração de leitores.



SÓ MILIONÁRIA

Jo se desfez do título de escritora bilionária após doar boa parte da fortuna para instituições de caridade.



Fundada em 1950

VICTOR CIVITA ROBERTO CIVITA
(1907-1990) (1936-2013)

Publisher: Fábio Carvalho

Diretora de Marketing: Andrea Abelleira



Diretor de Redação: Alexandre Versignassi

Editor: Bruno Garattoni

Editora Assistente: Ana Carolina Leonardi

Repórteres: Bruno Vaiano, Guilherme Eler e Rafael Battaglia Popp

Editora de Arte: Bruna Sanches

Designers: Anderson C.S. de Faria, Juliana Caro, Juliana Krauss, Yasmin Ayumi

Estagiárias: Ingrid Luisa e Maria Clara Rossini (texto)



Editor: Bruno Garattoni

Colaboraram nesta edição: Sílvia Lisboa (edição), Juan Ortiz, Maurício Brum,

Pedro Nakamura e Stéfani Fontanive (textos),

Estúdio Nono (projeto gráfico e edição de arte), Cristina Kashima (ilustrações)

Alexandre Carvalho (revisão) e Anderson C.S. de Faria (produção gráfica)

70 MULHERES QUE MUDARAM O MUNDO

ISBN 978-85-69522-94-2

é um livro da Editora Abril S.A., distribuído em todo o país pela Dinap S.A. Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo.
O Dossiê 70 mulheres que mudaram o mundo não admite publicidade redacional.

IMPRESSO NA GRÁFICA ABRIL

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

L769s

Lisboa, Silvia

70 mulheres que mudaram o mundo. / Silvia Lisboa.

- São Paulo: Abril, 2019.

66 p ; il. ; 27 cm.

(Dossiê Superinteressante , ISBN 978-85-69522-94-2 ; ed. 408-A)

1. Biografias - Mulheres na história. 2. Personalidades - Mulheres - História. I. Título. II. Lisboa, Silvia. III. Série.

CDD 920.72

Su

Su

CIÊNCIA Ada Lovelace Alexandra Elbakyan Amelia Earhart Annie J. Cannon Anna Nery Barbara McClintock Elinor Ostrom Hannah Arendt, Simone de Beauvoir e Hipátia de Alexandria Katie Bouman Madam CJ Walker Marie Curie e Dorothy Hodgkin Trota de Salerno e Henrietta Lacks Valentina Tereshkova Wangari Maathai **PODER** Angela Davis, Azucena Villaflor, Dorothy Stang, Kate Sheppard, Leolinda Daltro, Malala Yousafzai, Maria da Penha, Rigoberta Menchú, Rosa Parks e Zuzu Angel Angela Merkel, Benazir Bhutto, Eva Perón, Indira Gandhi, Wú Yí e Sirimavo Bandaranaike Aisha, Anita Garibaldi, Joana D'Arc e Manuela León Catarina de Paraguaçu Cleópatra Catarina – a Grande, Isabel – a Católica, Rainha Jinga e Rainha Vitória Maria Quitéria

CULTURA Frida Kahlo Agnès Varda, Audrey Hepburn, Carmen Miranda e Leila Diniz Aida dos Santos, Hélène de Pourtalès, Marta e Serena Williams Alice Walker, Anne Frank, Chimamanda Ngozi Adichie, Clarice Lispector, JK Rowling, Jane Austen, Maria Firmina dos Reis e Virginia Woolf Coco Chanel Aretha Franklin, Madonna e Violeta Parra Gabriela Mistral Maria Madalena, Sor Juana Inés de la Cruz e Virgem Maria

Su